Vida
PROVAS
DA
EXISTÊNCIA
DE
DEUS
JEFFERSON MAGNO COSTA

Dedico este livro àqueles que, tendo crescido no ateísmo, dispõem-se a interrogar sinceramente acerca do Criador, e àqueles que, além de crerem na existência de Deus, desejam conhecê-lo melhor.

"Todo aquele que se dedica ao estudo da ciência chega a convencer-se de que nas leis do Universo se manifesta um Espírito sumamente superior ao do homem, e perante o qual nós, com os nossos poderes limitados, devemos humilhar-nos."

Albert Einstein

"Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força, nem se glorie o rico nas suas riquezas, mas o que se gloriar glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o Senhor, que faço misericórdia, juízo e justiça na terra, porque destas coisas me agrado, diz o Senhor."

Jeremias 9:23, 24

ÍNDICE

PREFÁCIO

O colapso moral, social e espiritual, presente hoje em todo o mundo, tanto nos indivíduos como nas coletividades, tem como causa a falta de confiança em Deus. Quando não temos Deus à nossa frente, vagamos sem rumo pelos desertos da vida, e nossos acalentados horizontes, largos e amplos, ou se estreitam ou se transformam em frustrantes miragens.

Daí o mérito deste novo livro de Jefferson Magno Costa: *Provas da Existência de Deus.* Dando asas a seu estilo peculiar de apologizar as verdades eternas do evangelho com um toque poético, Jefferson mergulha fundo no oceano da literatura universal em busca de pepitas de alto valor, que confirmem a sua apaixonante certeza de que Deus de fato existe e nos ama com amor eterno. E ao achar em abundância esses grãozinhos dourados, Jefferson faz deles precioso colar que abençoa crentes e descrentes: os primeiros, porque podem adornar ainda mais a sua preciosíssima fé; os segundos, porque são persuadidos a crer no Criador do Universo mediante a pessoa bendita de Jesus Cristo.

Além dos testemunhos infalíveis da Escritura Sagrada, o autor arrola expressões lapidares de sábios do passado, de conhecidos pais da igreja, de teólogos medievais, de gigantes da ciência moderna, e de filósofos e poetas seculares, estando entre estes últimos o francês Voltaire e o brasileiro Drummond de Andrade. Drummond, célebre por suas crônicas e poesias, deixou-nos o triste retrato de sua própria alma no famoso poema "José", que Jefferson transcreve e analisa.

E agora, José?
A festa acabou
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou... etc.

Originou-se desse poema a expressão "E agora, José?", que conota a "situação de perplexidade e desespero em que subitamente mergulham os seres humanos que jamais tiveram um encontro pessoal de salvação com aquele que disse: Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve (Mateus 11:28-30)".

Provas da Existência de Deus é uma obra escrita com honesto e equilibrado senso crítico, com acurado espírito investigati-vo, e, acima de tudo, com a sensibilidade de um poeta e ministro do evangelho. É, pois, com muita alegria que tenho a honra de recomendá-la.

Abraão de Almeida

DEUS, ONDE ESTAS?

Moacir de Almeida

Numa aurora de lívidos mistérios
entre abismos fatídicos te arrastas;
Queimas as mãos nos turbilhões etéreos,
ensangüentas na pedra as mãos nefastas...

Ergue-te aos sóis; desces aos cemitérios...
e, na treva e nas lápides que afastas,
nunca ouvirás, entre clarões sidéreos,
a passagem de Deus nas noites vastas...

— Deus marcha nos relâmpagos!...— proclama
o raio. E o orvalho: — Deus sorri nas flores...
E, na ânsia eterna que te arrasta e inflama,

Erras, sem ver e ouvir, entre os abrolhos,
esse clamor que clama em teus clamores,
essa alvorada que arde nos teus olhos...

CAPÍTULO 1
O HOMEM À PROCURA DO AEU CRIADOR

OS PRIMEIROS HOMENS E A IDÉIA DE DEUS

Deus! Haverá algo mais belo, edificante e sublime do que meditarmos sobre a existência e os mistérios deste Ser que é mais profundo do que o mais profundo de nós mesmos, cuja glória e poder enchem a terra e os céus? Todos os grandes homens que influenciaram a história do pensamento humano consagraram um estudo especial sobre "o Ser do qual não é possível pensar nada maior" , segundo a famosa definição do teólogo Anselmo de Cantuária (1033-1109). Não existe, em todo o Universo, assunto de maior grandeza. Crer ou não crer na existência de Deus — eis a grande questão que divide a humanidade, e define o nosso destino eterno.

Acreditando ou não na existência divina, o homem necessita de Deus para compreender-se a si mesmo e entender os mistérios da vida e da Natureza. É por esse motivo que não se tem notícia de povos ateus entre os primeiros grupos humanos que habitaram o mundo primitivo. O moralista e historiador grego Plutarco (45-125 d.C.) costumava dizer que "é possível encontrar cidades sem muralhas, sem ginásios, sem leis, sem moedas, sem cultura literária; mas um povo sem Deus, sem orações, sem juramentos, sem ritos religiosos, sem sacrifícios, jamais foi encontrado". E esta afirmação continua plenamente válida até os dias de hoje.

JAMAIS FORAM ENCONTRADOS POVOS ATEUS

Todos os grandes estudiosos das religiões, em todos os tempos e entre todos os povos, confirmam que a crença na existência de Deus é universal. Nunca existiram povos ateus. O teólogo holandês C. P. Tiele (1830-1902), no seu manual de *História Comparada das Antigas Religiões* diz que "a afirmação de povos ou tribos sem religião repousa ou em observações inexatas, ou numa confusão de idéias. Nunca se encontrou tribo ou nação que não acreditasse em um Ser superior; os viajantes que afirmaram o contrário foram depois desmentidos pelos fatos".

Tanto os antigos missionários que partiram para evangeli-zar os mais longínquos recantos da terra, como também os exploradores de regiões desconhecidas depararam-se com a idéia de um Ser Supremo espalhada entre os povos. No livro *Uma Introdução para a História das Religiões,* Frank Byron Jevons cita oito autores especializados no assunto para confirmar que nunca foi encontrada qualquer tribo destituída da idéia de Deus. E por último, eis o que diz o renomado antropólogo Armando de Quatrefages (1810-1892) na 4- parte do seu livro *A Espécie Humana:* "Obrigado pelo meu magistério a passar em revista todas as raças humanas, procurei o ateísmo entre as mais degradadas e as mais elevadas. Não o encontrei em lugar nenhum, a não ser no estado individual... O ateísmo só existe em estado errático. Tal o resultado de uma investigação que posso chamar conscienciosa, e que comecei muito antes de subir à cátedra de Antropologia."

Por esse e outros motivos, podemos afirmar que o ateísmo — essa epidemia que vem contaminando ao longo dos séculos o espírito de milhões de seres humanos — é uma espécie de câncer que nasce no coração de indivíduos soberbos, uma posição vaidosa, uma decisão precipitada, superficial e, em muitos casos, uma fuga. Porém, devemos também considerar que muitos se declaram

ateus por jamais terem sido eficientemente alcançados pela reveladora e transformadora mensagem de Jesus Cristo. No capítulo sete deste livro estudaremos as respostas evangélicas ao problema do ateísmo.

OS PRIMEIROS POVOS E A ADORAÇÃO A UM SER

O que se conclui dos depoimentos prestados pelos estudiosos é que o reconhecimento da existência de Deus é natural ao espírito humano: demonstra-o a história de todos os povos, em todos os tempos. A crença na existência de um Ser Supremo, criador de todas as coisas, está documentada tanto nas antigas marcas e restos de utensílios e pinturas encontrados nos locais onde viveram as primeiras famílias descendentes de Adão e Eva, como também nos papiros e monumentos egípcios, nos tabletes de barro da Assíria e da Babilônia, nos primeiros escritos do povo hebreu, nos antigos livros da índia, nas gravações em ossos na China, nos pergaminhos gregos e nos monumentos romanos. Porém, como veremos mais adiante, em nenhuma dessas fontes essa crença foi tão sublime e corretamente registrada como na Bíblia.

Os primeiros homens que povoaram a terra adoravam a Deus e o viam como o controlador da vida e da morte, o protetor dos seres humanos desde os altos céus, de onde lhes enviava a luz do sol e a chuva. A maneira como esses antigos homens enterravam os seus mortos demonstrava que eles acreditavam na imortalidade da alma e, conseqüentemente, na existência de um Ser Superior, que possuía total domínio sobre aquele mundo desconhecido — o mundo dos mortos. A posição do cadáver, deitado de lado com a cabeça repousando em uma das mãos, e os joelhos dobrados e unidos à altura do peito, além de vários objetos pessoais enterrados com ele, indicavam que os que o haviam sepultado ali alimentavam a esperança de o morto um dia acordar para uma nova existência.

Veremos, porém, que por influência de Satanás e seus anjos, ao longo dos séculos a crença na existência de um único Deus soberano foi-se corrompendo no coração dos homens. O politeísmo (a crença na existência de vários deuses) mergulhou-os na idolatria, levando-os a ver deuses em todas as coisas, e a cultuá-los.

Importante é saber também que os mais belos e antigos documentos religiosos deixados pelos povos como testemunho para os séculos e gerações futuras, possuem trechos que são verdadeiros "cantos de anseio pela pátria distante e formosa"... São cantos grandiosos, que se fizeram ouvir através de inúmeras gerações. Neles, a alma suspira por deixar este exílio terrenal, romper os umbrais da morte e, como uma águia que se eleva até perder de vista a mesquinhez da Terra, entrar no Éden da pátria celeste. O salmo didático dos filhos de Core (Salmo 42:1,2), expressa a profundidade desse sentimento na alma humana: "Como o cervo anseia pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo. Quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?"

A ALMA ANSEIA PELO SEU CRIADOR

Portanto, antes de o politeísmo perverter o coração humano e arrastar grande parte da humanidade para a idolatria, para o abismo da indiferença, da descrença e da dúvida sobre a existência após a morte, a fé em um só Deus dominava os corações, e os levava a suspirar por ele.

Esses hinos sublimes, escritos em épocas muito antigas, falam da alma imortal.

Esse anseio da alma pelo seu Criador é uma das primeiras provas da

existência de Deus dadas por ele mesmo às suas criaturas. Pois quem teria colocado dentro do ser humano, do homem mortal e limitado, esse desejo imenso de horizontes mais altos, mais vastos e eternos, essa dolorosa saudade do Infinito, essa fome de eternidade e de Céu, senão o próprio Deus? Sim, pois só nele a alma encontrará a plena satisfação dos seus anseios, pois toda felicidade exige forçosamente "eternidade, profunda, profundíssima eternidade!", segundo a expressiva frase do teólogo dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855), e o homem só será eternamente feliz após encontrar-se com o seu Criador, após recebê-lo como Salvador e Deus, após sua alma adentrar as sublimes regiões do Céu.

Ainda que o homem consiga reunir para si a maior quantidade possível de bens materiais, essas riquezas não garantirão a sua felicidade, pois ele é um ser espiritual, e seus mais profundos anseios estão voltados para o espiritual, para o Infinito. Com muita sabedoria comentou certo teólogo que o grão de trigo, prisioneiro na pequena abertura cavada na terra, nutrido de água e de sol, produz a espiga para alimento da humanidade. Da mesma forma o desejo de felicidade existente no coração dos seres humanos é uma força impulsionadora; ela os leva a procurar o Sol que ilumina o Universo — Deus. Semelhantemente, o fenômeno que determina nos oceanos a maré alta indica a existência, além das nuvens, de um astro vencedor que arrasta as águas, elevando-as e baixando-as — a Lua. Da mesma forma a incansável maré das almas, impulsionando-as para o Infinito, fazendo-as desejar o Eterno, é a maior prova de que além desses espaços vastíssimos, um Ser Supremo as atrai para si — Deus! A imortal frase de Agostinho em suas *Confissões:* "Criaste-nos para vós, e a nossa alma vive inquieta enquanto não repousa em vós" está em consonância de pensamento com Eclesiastes 3:11: "Tudo fez [Deus] formoso em seu tempo. Também pôs a eternidade no coração dos homens; contudo, não podem descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até o fim".

"HÁ NO HOMEM UM VAZIO DO TAMANHO DE DEUS"

Quando o romancista russo Fiódor Dostoievski (1821-1881) disse que havia dentro do homem um vazio do tamanho de Deus, referiu-se tanto à necessidade que o ser humano tem do seu Criador, como à idéia que o Criador colocou em sua criatura acerca de Sua existência. O espírito humano leva consigo o pressentimento da existência de um Ser supremo e divino.

'Tara onde me irei do teu Espírito?" pergunta o salmista. 'Para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer nas profundezas a minha cama, tu ali também estás. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, ainda ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá. Se eu disser: decerto que as trevas me encobrirão, e a noite será luz à roda de mim, nem ainda as trevas serão escuras para ti; a noite resplandece como o dia, pois as trevas e a luz são para ti a mesma coisa" (Salmo 139:7-12).

A idéia da existência de Deus é o princípio e o fim da nossa carreira terrestre, é um arco-íris celeste que se alteia sobre a nossa existência. Como o deslizar das águas de um imenso rio, o tempo passa, levando consigo as gerações humanas que se sucedem umas às outras; porém, imutável sobre o incontável número de seres humanos que desaparecem, ficam a idéia e a certeza da existência de Deus, brilhando como um Sol no céu do Universo, proclamando sempre ao homem: "Eu sou o Senhor teu Deus..." (Deuteronômio 5:6).

Percorramos a terra em todas as direções, onde quer que ela seja habitada;

atravessemos as imensas planícies da Ásia; voltemos no tempo e caminhemos até os lugares onde viviam os primitivos habitantes do mundo; entremos nas humildes moradias dos primeiros descendentes de Adão; subamos até as regiões polares, ou penetremos nos escaldantes desertos da África: em qualquer lugar onde houver um ser humano respirando, por mais selvagem que ele seja, os seus olhos não deixarão de se elevar para o Céu, em reconhecimento daquele que tudo criou!

Em qualquer lugar onde se fale uma língua humana, por mais inculta e pobre que seja, nela sempre aparecerá um nome: Deus. Ora, essa idéia da existência do Criador espalhada na consciência de todos os povos nos leva a concluir que um sentimento comum a todos os seres humanos não pode ser falso. Aristóteles já dizia que "o que é inerente à essência, é universal: tudo quanto o homem tem instintivamente por verdadeiro, é uma verdade natural". E por esse motivo que o ateísmo, ou seja, a negação da existência de Deus resultante de uma convicção clara e deliberada, é um fenômeno isolado, uma degeneração da consciência do homem, mas nunca a expressão geral da humanidade.

ORAÇÕES DOS POVOS PRIMITIVOS

Fechamos este capítulo citando duas das orações deixadas pelos povos ou grupos primitivos. Elas são numerosas, e provam que a fé na existência de um Ser único e superior sempre existiu em todas as regiões da Terra. Essas orações foram recolhidas por missionários e antropólogos, que fizeram uso de métodos científicos de pesquisa sociológica moderna, e provaram exatamente o contrário do que muitos ateus afirmavam, ou seja: provaram que a idéia da existência de Deus sempre esteve presente na humanidade. Eis a oração dos *algonquinos,* um grupo muito antigo que viveu em algumas regiões da atual América do Norte:

Pai, homem de cima,
nós te agradecemos
por nos permitires
viver nesta terra.
Que nossos pensamentos e orações
possam chegar até tua morada, no céu.
O Senhor, que reinas
acima das montanhas,
das árvores e das águas,
nós te agradecemos
por todas as coisas que nos deste:
os frutos,
a caça,
o peixe,
a gordura do urso.
Foste bom para nós,
estamos contentes contigo.
Nós te agradecemos por sermos numerosos
e podermos nos reunir
para te invocar.[6]

Eis a oração deixada pelo antiquíssimo povo *kasti-mumito,* os primeiros habitantes da Polinésia (grupo de ilhas do Pacífico):

O Grande Espírito,
que te achas no azul central,
que moras acima das estrelas
que nunca morres,
que tens tua casa no sol,
nós te invocamos;
dá-nos a vida,
nós te invocamos;
dá-nos a água de que necessitamos.[7]

Diante destas orações, ainda haverá dúvida de que os povos primitivos tinham dentro de si a idéia da existência do Criador e Pai, superior a todos os deuses? Apesar de não terem recebido a revelação da existência e natureza de Deus como os judeus grandiosamente receberam, os antigos povos não ficaram totalmente privados dos testemunhos da existência daquele que tudo criou, cujo poder e glória estão manifestos visivelmente nas obras da criação, no coração e na consciência dos seres humanos. E o que veremos nos dois capítulos seguintes: O testemunho de Deus na Natureza, e a voz divina que fala na consciência dos seres humanos, acusando-os quando eles praticam qualquer coisa contrária ao bem.

Fica, portanto, demonstrado neste capítulo, existir desde os mais remotos tempos no coração dos povos uma certeza espontânea da existência de Deus, uma fé natural, que, apesar de não ser capaz de justificar-se cientificamente ou segundo a revelação que nos foi dada através das Sagradas Escrituras, descansa com segurança em motivos sólidos e simples, colocados pelo próprio Deus no coração de todos os seres humanos.

O RASTRO DE DEUS NA NATUREZA

Silva Porto

No purificado ar; nos raios e fulgores
Salutares do sol; nas pedras preciosas;
Na beleza sem par das pequeninas flores,
No perfume sutil, inebriante, das rosas;

No imponente voar de altaneiros condores;
Na ostentação real das águias portentosas;
Na harmonia dos sons; no conjunto das cores,
Nos encantos do mar; nas florestas formosas;

Nas serras, na lagoa e nos lagos profundos;
Na canora avezinha e nos gorjeios seus;
Nos animais gentis; nos leões iracundos;

A noite, no brilhar das estrelas nos céus;
Em tudo, por final, quanto encerram os Mundos,
Contemplo o Majestoso, o Onipotente — Deus!

CAPÍTULO 2

A EXISTÊNCIA DE DEUS TESTEMUNHADA PELA CRIAÇÃO

"OS CÉUS PROCLAMAM..."

O espetáculo do Universo sempre tem impressionado profundamente o homem, na variedade de suas belezas e harmonia de sua complexidade, na grandeza de suas distâncias e indecifrabilidade de seus mistérios. Após contemplar, maravilhado, a grandiosidade da Criação, o salmista Davi exclamou:

Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras até aos confins do mundo (Salmo 19:1-4. ARA).

Toda a natureza não é mais que o desdobramento da glória de Deus, pois foi criada para ser seu reflexo, um testemunho do poder de suas mãos — é o que está maravilhosamente declarado nos 30 primeiros versículos do Salmo 104. Todos os caminhos que o espírito pensante segue, a partir de qualquer ponto no extenso círculo do conhecimento humano, o conduzem para o centro de todas as coisas, para Deus. Tudo — o Céu, a Terra, o dia, a noite, os astros, os átomos, o oceano e a gota de orvalho sobre a relva — tudo anuncia Deus.

As pegadas do Criador impressas na Criação são por demais luminosas para que não sejam vistas. O escritor francês Montelet Claudius dizia que não era filósofo, mas nunca atravessava um bosque sem pensar naquele que fizera crescer aquelas imensas árvores; vinha-lhe sempre de longe o pressentimento da existência de um Ser supremo e desconhecido. Sim, pois

Deus nunca deixou de dar testemunho de Sua existência: toda a Criação é um livro aberto que em linguagem silenciosa, mas bastante clara, torna visível a nós o Invisível. Este foi um dos argumentos usados por Paulo e Barnabé na cidade de Listra, quando, para provar à população politeísta e idolatra que eles não eram deuses, falaram sobre o verdadeiro Deus: "... o Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há; o qual nos tempos passados deixou andar todas as nações em seus próprios caminhos. Contudo, *não deixou de dar testemunho de si mesmo.* Ele mostrou misericórdia, dando-vos chuvas do céu, e colheita em sua própria estação, enchendo de mantimento e alegria os vossos corações" (Atos 14:15-17).

Milhões e milhões de globos celestes a rolar pelos espaços do Universo, descrevendo com incrível rapidez suas gigantescas trajetórias, sem nunca se desviarem dos eternos e invisíveis eixos onde foram colocados, proclamam a glória de Deus. A moderna Astronomia já conseguiu identificar algumas centenas de milhares de sóis, entre a 1ª e a 10ª grandeza. Os grandes sistemas estelares são chamados de galáxias. Cada uma delas pode agrupar de um bilhão a um trilhão de estrelas. Ora, os cientistas calculam que o Universo seja composto de, no mínimo, 10 bilhões de galáxias. Tudo isto proclama a glória de Deus!

A GRANDEZA DO UNIVERSO

Chama-se Universo "o conjunto de tudo quanto existe (incluindo-se a Terra, os astros, as galáxias e toda a matéria disseminada no espaço), tomado como um todo", segundo a definição de Aurélio. A imensidão do espaço celeste está de tal

forma acima da noção de distância usada por nós, seres humanos, que metros, quilômetros e milhas tornam-se medidas quase sem significação ou valor quando aplicadas às gigantescas longitudes existentes entre os astros. Por esse motivo, o sistema criado para se medir essas distâncias chama-se ano-luz. Para o leitor ter uma idéia de como esse sistema funciona, basta saber que, em um segundo (exatamente o tempo que nós levamos para fechar e abrir imediatamente os olhos, o chamado "piscar de olhos"), a luz percorre 300.000 quilômetros.

E por esse motivo que, durante as chuvas com trovões e relâmpagos, vemos primeiramente o raio luminoso riscar o céu, e algum tempo depois é que ouvimos o barulho do trovão. Isto acontece porque o som demora muito mais tempo para chegar até nós do que a luz. Enquanto o som percorre 360 metros em um segundo, a luz percorre, no mesmo tempo, 300.000 quilômetros! Pois bem. Apliquemos agora estas informações à grandeza do Universo.

A Terra está separada do Sol por uma distância de aproximadamente 150.000.000 (Cento e cinqüenta milhões) de quilômetros. O mais veloz de nossos foguetes espaciais levaria mais de 10 anos para chegar lá. Porém, a luz gasta só oito minutos para percorrer esse imenso espaço que nos separa da estrela solar que nos aquece e ilumina! Denomina-se ano-luz a distância cujo percurso a luz leva um ano inteiro para percorrer, viajando à fantástica velocidade de 300.000 quilômetros por segundo! Isto significa percorrer uma distância 63.000 vezes maior que a que nos separa do Sol. Um ano-luz tem 9.450.800.000.000 (nove trilhões, quatrocentos e cinqüenta bilhões e oitocentos milhões) de quilômetros. Ora, para que se tenha uma idéia do quanto as distâncias no Universo são imensas, basta saber que Alfa do Centauro, a estrela mais próxima da estrela que nos ilumina, ou seja, o Sol mais próximo do nosso Sol, está distante da Terra em cerca de quatro anos-luz. É o nosso vizinho mais próximo!

QUEM CRÍOU TANTAS MARAVILHAS?

Quem criou e povoou de sóis e planetas esse grandioso Universo, cujo tamanho e distâncias estão infinitamente acima de nosso limitado entendimento? Quem deu movimento a esses gigantescos corpos celestes? Quem lhes dotou de ordem e harmonia tais que palavras humanas não conseguem exprimir? Quem foi que lançou os alicerces invisíveis e inabaláveis dos astros, e quem mantém a Terra suspensa sobre o Nada? Quem somos nós diante dessas imensidões, ou onde estávamos quando tudo isto foi criado?

Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra?" perguntou o Senhor a Jó, ao longo dos capítulos 38 e 39 do livro que nos relata a história do velho patriarca de Uz. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre o que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua pedra de esquina, quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?" Sugerimos que o leitor leia diretamente em sua Bíblia esses dois capítulos, cuja beleza e profundidade têm, ao longo dos séculos, conquistado a admiração e a reverência dos maiores estudiosos das grandezas e fenômenos do Universo.

"GENERAL, DEUS EXÍSTE!"

Porém, conforme comentou um astrônomo, a maior parte dos seres humanos passa toda a sua vida sem voltar um só instante o pensamento para os grandes mistérios da Criação. Sabe-se que o imperador Napoleão Bonaparte gostava muito de conversar sobre a existência de Deus. Certa vez, durante uma dessas conversas com o general Bertrand, este, que confessava-se ateu,

perguntou a Napoleão:

— Quem é Deus? Será que já o viste alguma vez? Fitando-o calmamente, Napoleão respondeu:

— General, nunca viste minha inteligência, porém, todas as vezes que presenciaste ou tiveste notícia de alguma das minhas vitórias, acreditaste em mim, e me exaltaste. E que são minhas vitórias diante das obras do Onipotente? Que são meus mais brilhantes feitos de armas diante do movimento das estrelas? Se, observando as ações de um homem, tu o consideras alguém dotado de grande inteligência, porque te negas a reconhecer a existência de um Deus Criador, cujas obras admiráveis estão espalhadas por toda a parte, e dão testemunho de Sua grandeza? General, Deus existe!

O grande filósofo grego Aristóteles, esforçando-se para deixar bem claro aos seus alunos ser impossível não reconhecer a existência e o domínio de Deus sobre a Natureza, disse certa vez que aquele que, em cima de um alto monte, vendo passar o exército dos gregos, tendo à frente os cavaleiros em seus cavalos, seguidos pelos carros de guerra e os combatentes a pé, será obrigado a pensar que alguém, necessariamente, deve estar à frente, comandando aquela multidão de guerreiros. Do mesmo modo, quem vê no mar um navio deslizando sobre as águas, sabe que existe um piloto a bordo, que o conduzirá ao porto de forma segura. Assim também aqueles que erguem os olhos para o céu e vêem o Sol seguir seu curso do oriente para o ocidente, e toda a frota das estrelas em perfeita harmonia, certamente procurará saber quem é o Criador desses corpos celestes, pois jamais aceitará que tantas e tão perfeitas maravilhas sejam obra do acaso.

Esse Criador é Deus. "Quão grande é Deus, quão grande é Deus" — dizia Ampere (1775-1836), o cientista descobridor da eletricidade — "e quão pouco é o que nós sabemos sobre ele!' Alguém já disse sabiamente que o mais alto conhecimento que podemos ter de Deus nesta vida, é saber que ele está sempre acima de tudo o que pensarmos a seu respeito.

OS HOMENS SERÃO INDESCULPÁVEIS

Deus existe desde a eternidade, é a origem da Vida; tem a Vida em si mesmo. O Universo e tudo o que nele há foram chamados à existência pela sua onipotência, segundo o supremo modelo de sua sabedoria e bondade.

Que é todo esse mundo visível (perguntou o escritor espanhol Luís de Granada) senão um grande e maravilhoso livro que vós, Senhor, escrevestes e oferecestes aos olhos de todas as nações do mundo, tanto de gregos como de bárbaros, tanto de sábios como de ignorantes, para que nele todos estudassem e conhecessem quem vós sois? Que serão, portanto, todas as criaturas do mundo, tão formosas e tão bem formadas, senão como letras divididas e iluminadas, que declaram o primor e a sabedoria do seu Autor?... E por vossas perfeições serem, Senhor, infinitas, e como não podia haver uma só criatura que as pudesse representar todas, foi necessário criar-se muitas, para que assim, a pedaços, cada uma por sua parte nos declarassem algo de tuas perfeições.[5]

As Escrituras Sagradas mostram que aqueles que se negam a reconhecer a existência de Deus, mesmo tendo os olhos do entendimento voltados para as suas inumeráveis obras, serão indesculpáveis. É o que argumenta o apóstolo Paulo no primeiro capítulo de sua Carta aos Romanos, cujos versículos 19, 20 í 21 constituem-se as bases da chamada "Teologia natural" defendida pelo apóstolo: "... visto que o que de Deus se pode conhecer, neles se manifesta, porque Deus lhes manifestou.

Pois os atributos invisíveis de Deus, desde a criação do mundo, tanto o seu

eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas que foram criadas, de modo que eles são inescusáveis. Pois tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes seus raciocínios se tornaram fúteis, e seus corações insensatos se obscureceram."

Comentando esta passagem de Romanos, o grande pregador grego João Crisóstomo perguntava:

Deus então chamou os pagãos à viva voz? Decerto que não. Contudo, ele criou algo capaz de chamar a atenção mais do que as palavras. Ele colocou o mundo criado no centro, e deste modo podem o sábio e o ignorante, o grego e o bárbaro remontar do simples aspecto das coisas visíveis até Deus.[6]

A verdade é que a capacidade natural que permite ao homem reconhecer a existência de Deus a partir do testemunho da Criação, atrofia-se pouco a pouco naqueles que se negam a usá-la. O coração endurecido dessas pessoas, cujo maior objetivo na vida é gozar de tudo o que de perecível o mundo lhes oferece, não tem interesse algum em adquirir qualquer conhecimento acerca do Deus soberano que reina sobre todas as coisas.

Porém, o fato de essas pessoas deixarem que essa capacidade natural de reconhecimento da existência do Criador se atrofie, por falta de uso, não significa que elas, apesar de possuírem um coração endurecido, não tenham sido dotadas dessa capacidade. Todos os seres humanos a possuem, e é por isso que muitos terão de responder diante de Deus por esse desconhecimento, conforme escreveu o apóstolo Paulo.

Não poderíamos concluir este capítulo sem citar esta belíssima oração do grande teólogo protestante francês Fénelon:

Meu Deus! Se tantos homens não te descobrem nesse belo espetáculo que lhes dás da Natureza inteira, não é que estejas tão longe deles. A tua luz resplandece nas trevas, mas as trevas são tão densas que a não compreendem. Manifesta-te em toda parte, mas em toda parte os homens, por descuidosos, não te vêem.

Toda a Natureza fala de ti, e tece louvores ao teu santo nome, mas os homens, voluntariamente surdos, nada ouvem. Eles achar-te-iam, ó doce luz, ó eterna beleza sempre antiga e sempre nova, ó fonte de delícias, ó fonte de vida pura e bem-aventurada de todos os que vivem verdadeiramente... eles achar-te-iam, se te procurassem. Vivem de ti, mas sem pensar em ti. Adormecem no seio paternal e, cheios de sonhos mentirosos que os agitam no dormir, não sentem a mão poderosa que os ampara. A ordem e a beleza que derramas sobre a face das tuas criaturas é para eles como um véu que encobre os seus olhos doentes de incredulidade. O miséria, ó noite espantosa que envolve os filhos de Adão! O homem só tem olhos para ver sombras, e a verdade parece-lhe uma miragem! O que nada é, é tudo para ele, e o que tudo é, nada lhe parece!

Ai da alma ímpia que longe está de ti, sem esperança, sem eterna consolação. Porém, feliz é aquela que te procura, que suspira, que tem sede de ti; e mais feliz ainda é aquela sobre a qual brilha a luz da tua face, cujas lágrimas a tua mão enxugou, cujos desejos o teu amor já cumpriu. Quando será, Senhor, o belo dia claro e eterno em que tu hás de ser o Sol, e em que banharás os nossos corações na plenitude de tua presença e glória? Nós, os que te servimos e adoramos, vivemos suspirando por este dia.[7]

No próximo capítulo, continuaremos a contemplar o rastro de Deus na Criação, e em seguida veremos que ele dá também provas da sua existência ao se manifestar no "tribunal" da consciência dos seres humanos.

NADA E MAIOR QUE DEUS

Casimiro de Abreu

Eu me lembro! eu me lembro — Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia.
E, erguendo o dorso altivo, sacudia

A branca espuma para o céu sereno.
E eu disse à minha mãe nesse momento:
"— Que dura orquestra! Que furor insano!

Que pode haver maior do que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento?"
Minha mãe a sorrir olhou prós céus

E respondeu: " — Um Ser que nós não vemos
É maior do que o mar, que nós tememos,
Mais forte que o tufão! Meu filho, é — Deus!"

CAPÍTULO 3
AS MARCAS DA PERFEIÇÃO DE DEUS

EU VI SEU RASTRO NA AREIA E NO CÉU]

Certa vez um homem que se dizia ateu, durante uma viagem ao Oriente, viu pela manhã o árabe que conduzia a caravana ocupado em suas orações. Intencionando embaraçar o árabe, o ateu aproximou-se e perguntou-lhe em tom de zombaria:

— Como sabes tu que Deus existe?

O condutor de caravanas respondeu, sem alterar o tom da voz:

— Quando observo a areia do deserto, posso facilmente saber pelas pegadas se passou um homem ou um animal. Igualmente, quando observo o mundo, a natureza ao meu redor e o Céu, posso afirmar que por eles passou a mão de Deus.

Sim. Os Céus, a Terra e a vida que há em nós proclamam a glória e a existência de Deus. Contemplando a vastidão dos mares, a imensidão dos céus e a admirável harmonia reinante no Universo, o homem sabe que não é o criador de tanta grandeza, e conscientiza-se de sua pequenez e da insignificân-cia de suas forças. Se estiver entre as pessoas que vivem na incerteza da existência do Criador de tantas maravilhas, exclamará, repetindo as palavras do filósofo francês Blaise Pascal: "O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora!"

Porém, se estiver entre aqueles que nasceram de novo, não segundo a carne e o sangue, mas da água e do Espírito (João 3:5), reconhecerá a existência do Criador, e exclamará como o autor da Carta aos Hebreus: 'Tela fé entendemos que os mundos foram criados pela palavra de Deus, de maneira que o visível não foi feito do que se vê" (Hebreus 11:3).

O justo há de contemplar as belezas da Criação como mostras da formosura de seu Criador, como espelhos de sua glória, como mensageiros que nos trazem notícias dele, como reflexos de suas perfeições, como presentes que o Esposo envia à sua Esposa — a Igreja — para enamorá-la, até o dia em que a tomará pela mão para com ela celebrar aquele eterno casamento no Céu. O mundo todo parece-lhe um livro que fala sempre de Deus, uma carta que seu amado lhe envia, um longo documento e testemunho de seu amor. Nenhum cristão, nenhuma pessoa que já tenha sido resgatada do pecado poderá ficar indiferente à grandiosa voz da Natureza, que proclama a existência e a glória de Deus.

O formosura tão antiga e tão nova — exclamou Agostinho, esse grande cristão do passado, ao contemplar o rastro de Deus impresso na Criação — quão tarde te conheci, e quão tarde te amei! Porventura és tu, Senhor, aquele de quem diz o salmista que és formoso entre os filhos dos homens?... Se nesse desterro não vejo a formosura de tua divina majestade, assim como és formoso no Céu, ao menos pelos efeitos chego ao conhecimento da causa, e pela formosura dos Céus, planetas, árvores, flores e variedade das mui vivas cores das coisas que tuas divinas mãos criaram, entendo, meu Deus e Senhor, ser abismo infinito de for-mosura a formosura de onde essas formosuras tiveram sua origem.[3]

VLTAIRE, ATEU, RECONHECE: DEUS EXISTE!

Portanto, a existência do Deus invisível é demonstrável pelos seus efeitos, pelas suas obras. O próprio escritor francês Voltaire (1694-1786), apesar de ter

passado para a história como ateu e perseguidor do evangelho, escreveu certa vez em uma de suas cartas ao imperador da Prússia, Frederico II (1712-1786): "A razão me diz que Deus existe, mas também me diz que nunca poderemos saber quem é."

Ora, Voltaire era um homem que não levava em consideração o tesouro de revelação e conhecimento que a fé pode abrir para nós; após rejeitá-la, ele procurou viver à luz da razão, acreditando tão-somente naquilo a que sua capacidade intelectual o conduzia. Mas, apesar de sua incredulidade, Voltaire, através do raciocínio, chegou à seguinte conclusão, registrada no capítulo 2 de seu *Tratado de Metafísica:* 'Vejo-me forçado a confessar que há um Ser que existe necessariamente por si mesmo desde toda a eternidade, e que é origem de todos os demais seres.' No mesmo livro, algumas páginas adiante, o famoso "ateu" declarou: 'Todas as coisas da Natureza, desde a estrela mais distante até um fino talo de grama, devem estar submetidos a uma Força que os movimenta e lhes dá vida." Ora, que força é essa senão Deus?

Eis aí um homem considerado por todos um terrível ateu, curvando sua cabeça em reconhecimento da existência do Criador, após maravilhar-se diante de tantas e tão sublimes provas da existência de Deus, perfeitamente visíveis na Criação!

NATUREZA: MISTÉRIO DE DEUS

Portanto, conforme ficou demonstrado até agora, Deus tem-se revelado tanto na Natureza como na consciência de todos os povos (a chamada consciência coletiva), e também na consciência de cada ser humano (assunto do próximo capítulo). Ele infundiu em nossa alma a luz interior (essa voz interior que dá, dentro de nós, testemunho de sua existência), e em seguida ofereceu aos nossos olhos os sinais exteriores de sua existência, sabedoria e glória: as obras de suas mãos. Tudo quanto vemos nas criaturas de beleza, verdade, bondade e perfeição existe em Deus em um grau muito mais alto, puro e completo, pois tudo quanto se manifesta no efeito, deve existir necessariamente, e nos mais alto grau, na causa produtora: Deus.

Enquanto a formosura das criaturas é particular e limitada, a formosura de Deus é universal e infinita, porque nele está contida toda a formosura de tudo o que ele criou... Por mais belo que o imaginemos, Deus é mais belo ainda. Todas as perfeições se encontram nele. Sua força é infinita, sua beleza inigualável, sua existência é desde toda a eternidade e jamais terá fim. Ele é invisível a toda criatura mortal, mas visível através de suas obras. "Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus; e em toda a terra esplenda a tua glória", disse o salmista Davi (Salmo 108:5. ARA), e o profeta Isaías, erguendo sua voz na mesma tonalidade de adoração, disse: "Ó Senhor dos Exércitos, Deus de Israel, que habitas entre os querubins, só tu és o Deus de todos os reinos da terra. Tu fizeste os céus e a terra" (Isaías 37:16).

É IMPOSSÍVEL DEFINIR OU DESCREVÊ-LO

Portanto, é absolutamente impossível apresentarmos uma completa e essencial definição de Deus, pois ele, sendo perfeito e infinito, jamais poderia ser colocado dentro dos limites de uma definição. Definir não passa de uma tentativa de limitar aquilo que definimos, separando-o e distinguindo-o das demais coisas. Diante disto, Deus fica sempre infinitamente além de qualquer palavra ou conjunto de palavras empregadas com o intuito de defini-lo.

Pertence a um famoso cristão do V século a afirmação de que as perfeições

de Deus são tão grandes e tão admiráveis que, se o mundo estivesse cheio de papel que pudesse ser usado na preparação de livros; se todas as pessoas existentes fossem escritores, e se toda a água dos mares se transformasse em tinta, tornar-se-iam repletos de palavras todos os livros, se cansariam todos os escritores e se esgotariam toda a água dos mares, e ainda assim não teria sido explicada uma só de suas perfeições.

"Assim como o mar é grande — declarou certa vez um admirador dos mistérios de Deus —, não só porque todas as águas dos rios entram nele, senão também por suas próprias águas, que são incomparavelmente muito mais abundantes, assim dizemos que vós, Senhor, sois mar de infinita formosura, porque não só tendes em vós as perfeições e formosuras de todas as coisas, mas também outras infinitas, que são próprias de vossa grandeza... Só o fato de ver e gozar de tua formosura basta para fazer bem-aventurados aqueles seres que moram junto a ti no Céu"... "Eu fiz a terra, e criei nela o homem. As minhas mãos estenderam os céus, e a todos os seus exércitos, dei as minhas ordens", disse o Senhor através do profeta Isaías (45:12).

O ASTRÔNOMO E SEU AMIGO

Conta-se que o grande astrônomo Kirchner no seu tempo de estudante tinha um amigo que dizia não acreditar na existência de Deus. Ora, Kirchner sabia o quanto o seu amigo costumava apelar para a lógica dos fatos. Ambos moravam juntos. Aproveitando-se da prolongada ausência do companheiro de estudos, Kirchner fabricou um globo representando a Terra e o colocou em cima da mesa. Ao retornar, o amigo do astrônomo perguntou:

— Quem fez este globo?

__Ninguém — respondeu Kirchner. — Havia pedaços de madeira esquadros, papel, uma esfera, cola e pregos sobre a mesa. Eu estava distraído, procurando um livro na estante, quando de repente vi que no lugar onde estava aquele material apareceu este globo.

__Ah! ah! ah! ah! — gargalhou o rapaz. — Deixe de brincadeira e diga logo quem foi que fabricou isto, ou você acha que eu vou acreditar que o globo criou-se a si mesmo?

— Pois é, você está rindo diante da explicação que eu estou lhe dando, mas eu lhe digo que é mil vezes mais fácil aceitar que esse pequeno globo tenha se criado por vontade própria, do que acreditar que a Terra e todo o Universo criaram-se a si mesmos e são obra do acaso. Vamos, por que você não ri também disto?

APAGUEM AS ESTRELAS!

E impossível não reconhecer a marca de Deus impressa em tudo aquilo que ele criou. E é impossível também apagar essa marca.

Isto ficou provado durante um interessante episódio em 1789, em plena Revolução Francesa. Esse acontecimento histórico de repercussão mundial tinha sido intelectualmente preparado por políticos e filósofos inimigos do cristianismo. Durante a revolução, pilhas de Bíblias foram queimadas, igrejas fechadas e muitos cristãos lançados em úmidos cárceres, na tentativa de que a idéia da existência de Deus fosse apagada no espírito do povo.

Em uma aldeia francesa, um dos responsáveis pela perseguição religiosa disse a um camponês que a igreja da aldeia e tudo o que fizesse lembrar Deus seriam destruídos.

- Assim — disse o perseguidor — conseguiremos apagar os meios que

levam o povo a crer na existência de Deus.

- Então o senhor terá que mandar apagar também as estrelas — respondeu o camponês. [8]

O SOL É UM DOS SEUS EMBAIXADORES

— Onde esta o seu Deus? Você pode mostra-lo?— perguntou a vez o terrível imperador romano Trajano, ao rabino Josué.

— Meu Deus não pode ser visto, Excelência — respondeu-lhe o rabino. — Nenhum olho humano suportaria o fulgor de sua glória. Posso, porém, mostrar à Vossa Majestade um de seus embaixadores.

— Onde? Onde posso vê-lo?

— Aí fora, em vossos jardins, Majestade.

O imperador dirigiu-se para fora do seu palácio seguido pelo rabino. O sol brilhava esplendorosamente no céu, na força total do meio-dia.

— Levantai os olhos para o céu e vede, Majestade. Eis aí um dos embaixadores do meu Deus.

— Ora, mas não posso fitá-lo. Sua luz me deixaria cego!

— Senhor, não podeis olhar face a face uma das criações de Deus, e pretendeis ver o próprio Criador? [9]

CÍCERO E O HOMEM DA CAVERNA

O testemunho da Criação é por demais eloqüente, claro e visível a todos; homem algum poderá ficar indiferente a esta voz, a este grandioso espetáculo produzido pelas mãos do Criador. Por mais destituído de cultura ou por mais materialista que seja o ambiente onde o ser humano vive, as provas da existência de Deus, essas vozes que proclamam a majestade e a glória do Criador, estarão sempre ressoando dentro do seu espírito, lá no interior de sua consciência, e fora dela, em seus ouvidos e diante dos seus olhos.

O conhecido orador romano Marco Túlio Cícero (106-43 a.C), para demonstrar ser quase impossível admitir que haja pessoas descrentes na existência de Deus, fez uso da seguinte ilustração:

Suponhamos haja um homem que sempre tenha vivido afastado da convivência social, preso em um lugar subterrâneo, de modo que nunca tenha podido ver nada; suponhamos que um dia esse homem saia de sua morada subterrânea, olhe a paisagem que se estende ao seu redor, e veja o céu pontilhado de estrelas que brilham maravilhosamente, numa noite tranqüila de verão, enquanto a Lua difunde a sua luz suave. Suponhamos que alguém explique a esse homem que o número de astros contemplados pelos seus olhos nada representa diante do infinito número que seus olhos não conseguem contemplar. Horas depois, o sol ergue-se no horizonte, inundando de luz o firmamento...

Pois bem, dizei-me: diante do espetáculo do Céu estrelado e da harmonia que reina entre os astros; ao contemplar o esplendor da luz e do Sol e as maravilhas da natureza, que pensamento nasceria na mente desse homem? Que pergunta brotaria dos seus lábios? Tomado de espanto, esse homem não faria senão exclamar: "O maravilha, ó grandeza! E quem fez este Céu? Quem lhe pôs estes astros, e lhes regulou os movimentos? Quem criou este Sol e o pôs lá em cima?" E restaria a nós responder-lhe tão-somente: "Quem fez tudo isto não foi certamente um homem; não foram muito menos todos os homens juntos, mas sim Deus! Só Deus poderia criar essas maravilhas de poder e sabedoria."[10]

NECESSIDADE DE UMA COMPLETA REVELAÇÃO DE DEUS

Diante do que foi exposto até agora, é necessário, porém, que isto fique bem claro: a crença coletiva demonstrada por todos os povos quanto à existência de um Deus soberano, e o testemunho de sua existência proclamado em suas obras não se constituem numa completa revelação de Deus ao homem. Apesar de ver as "pegadas do Criador" impressas na Criação, não são essas maravilhas da natureza que conduzem o ser humano aos pés do verdadeiro Deus; não são elas que o levam a aceitar e a se incluir no plano traçado pelo Criador para salvar suas criaturas. Por isso, além de ter-se revelado na voz da natureza e na consciência do homem, Deus se revelou também na Bíblia, através dos profetas, e sobretudo no seu Filho, Jesus Cristo.

O caminho para Deus não está, portanto, nas estrelas (apesar de elas proclamarem, em todo o Universo, sua existência), e sim no interior do homem, na fé que nasce dentro dele e se projeta na pessoa de Jesus Cristo — autor e consumador dessa fé. O universo fala a todos da existência de Deus, mas quem reconduz o homem ao seu Criador é Jesus Cristo, a mais completa e perfeita revelação de Deus à humanidade.

DEUS DENTRO DE NÓS

Alphonsus de Guimaraens

Deus é a luz celestial que aos astros unge e veste, E dessa eterna luz nós todos fomos feitos. Um fulgor de oração brilha em nossos peitos: E o reflexo estelar dessa origem celeste.

O homem mais louco e vil, cuja alma ímpia se creste Aos fogos infernais dos mais torpes defeitos, De vez em quando sente esplendores eleitos Que tombam nele como o luar sobre um cipreste.

Quem não sentiu no peito a carícia divina, A enchê-lo de clarões na transparência hialina De um astro que cintila em pleno azul sem véus?

Tudo é luz na nossa alma, e o mais vil, o mais louco, Bem sabe que esta vida é um sol que dura pouco E que Deus vive em nós como dentro dos Céus...

CAPÍTULO 4
DEUS NA CONSCIÊNCIA DO SER HUMANO

A VOZ DA CONSCIÊNCIA

A idéia da existência de Deus e a necessidade de render-lhe culto é a primeira grande inclinação do espírito e do coração humanos. Elevando o seu pensamento na busca da causa de sua existência e de tudo o que ele contempla no êxtase da admiração, o homem banha a fronte nos raios da glória do Onipotente, e curva-se ante a majestade infinita do seu Criador. Tudo fala de Deus ao seu pensamento e ao seu coração. "Há um Deus", é a voz que ecoa no íntimo de sua consciência. Como diz o inspirado autor de *O Gênio do Cristianismo,* o francês René Chateaubriand (1768-1848), "as ervas do vale e os cedros da montanha o glorificam, o inseto sussurra os seus louvores, o elefante o saúda ao nascer do sol, o pássaro o canta na folhagem, o raio manifesta o seu poder, e o oceano declara a sua imensidade."

E o homem o adora, fala com Deus em oração. Nota harmoniosa que se ergue da terra para as alturas do infinito, a oração do homem é a sua grande escada para subir a Deus. Porém, a súplica não é somente o impulso do coração desejoso de socorro, de forças e de consolo para as dores do corpo e da alma; ela tem sido, desde os mais remotos tempos, a expressão de uma fé instintiva ou refletida, obscura ou clara, vacilante ou firme, na existência, na presença, no poder e na misericórdia do Deus supremo a quem essa oração é dirigida. Ela é a expressão do sentimento da existência de um laço permanente que une a humanidade ao seu Criador, laço esse cujas raízes se encontram na voz da consciência.

CONSCIÊNCIA: INSCRIÇÃO DE DEUS NA ALMA

A consciência humana é, na verdade, a inscrição que Deus gravou na alma com letras lapidares, inapagáveis, infalsificáveis. Todo homem nasce trazendo dentro de si essa voz interior. Todos os seres humanos, mesmo aqueles de consciência cauterizada, ou que tenham tido uma educação má, ou sejam produto de um meio social corrompido, conhecem o que é certo e o que é errado, e sabem muito bem que ambos não são a mesma coisa. É a consciência que os acusa diante da prática do mal (mesmo que muitos não dêem ouvidos a essa acusação) e os aprova pela prática do bem.

Essa diferença entre o bem e o mal é independente da vontade e dos caprichos humanos. O bem, uma vez reconhecido pelo homem como dever, exige cumprimento incondicional — ao mesmo tempo que proíbe absolutamente a prática do mal, por mais belo e sedutor que este se apresente. A consciência nos diz, portanto, que temos obrigação de praticar o bem e de evitar o mal. Ora, se não existe, conforme afirmam os ateus, um ser supremo, infinitamente bom e santo, que aprova o bem e reprova o mal, de onde vem essa voz, ou quem a colocou dentro dos seres humanos?

O senso do dever moral presente em nossa consciência é uma das formas como Deus se manifesta a cada pessoa. O sentimento de obrigação que leva os seres humanos a fazerem aquilo que eles julgam certo é, na verdade, a pressão indireta (em suas consciências) do Criador sobre suas criaturas, impulsionando-as para o bem. Aliás, todos aqueles que conhecem a Deus são esforçados na prática do bem.

Jeremias, profetizando contra Jeoaquim, rei de Judá, fala dos homens de consciência cauterizada, e apresenta um exemplo de alguém que conhecia a Deus — o pai de Jeoaquim:

Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça, e os seus aposentos sem direito, que se serve do serviço do seu próximo sem paga, e não lhe dá o salário do seu trabalho. Ele diz: Edificarei para mim uma casa espaçosa, e largos aposentos. De modo que lhe abre janelas, forra-a de cedros e a pinta de vermelho. Reinarás tu, só porque procuras exceder no uso do cedro? Acaso o teu pai não comeu e bebeu, e não exercitou o juízo e a justiça? Por isso lhe sucedeu bem. Julgou a causa do aflito e do necessitado, e por isso lhe sucedeu bem. Não é isto conhecer-me? diz o Senhor (Jeremias 22:13-16).

QUEM NOS IMPULSIONA PARA O BEM?

Ora, segundo o que o próprio Deus declarou em Gênesis 8:21: "... é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade" (ARA), a natureza humana está inclinada para a prática do que é desagradável ao Senhor. Diante disto, somos levados a concluir que aquilo que impulsiona uma pessoa a praticar algo contrário à sua própria natureza, ou seja, o bem, deve obrigatoriamente proceder de alguém que lhe é superior. Se fosse o homem o autor dessa lei, dessa força, ele poderia entregar-se à prática de tudo quanto é ruim, e depois ir dormir tranqüilamente. Mas não o pode. Quando o homem deixa de obedecer a essa lei, ouve dentro de si uma voz insistente que o reprova, acusando-o de ter praticado o mal. Essa voz, que ressoa em sua consciência, é mais uma das provas da existência de Deus.

O célebre poeta alemão Johan Wolgang Goethe (1749-1832) escreveu em um de seus poemas:

Baixinho nos segreda Deus no peito, Baixo sim, mas bem claro nos indica O que evitar, o que fazer devemos.

Esse mesmo Goethe perguntou em um trecho de um de seus livros, quando falava sobre a existência de Deus:

"Não sentes no coração a ação de uma força desconhecida que paira à tua volta, visível num mistério invisível? Enche com ela a tua alma, e quando tiveres achado a felicidade neste sentimento, chama-lhe o que quiseres; chama-lhe alegria, paz, amor: eu chamo-lhe Deus!"[2]

A IDÉIA DA EXISTÊNCIA DE DEUS DENTRO DE NÓS

Portanto, a idéia da existência de um Ser infinito e perfeito foi colocada dentro do homem, essa criatura finita e imperfeita. Essa idéia que todos temos do Ser infinitamente perfeito é que nos faz reconhecer as imperfeições que se acham em todas as criaturas. Pela idéia que temos desse Ser infinito, concluímos que nenhuma coisa, de todas quantas nos cercam, lhe é igual, e somos levados a distinguir o mal e o bem. Essa idéia é a manifestação de Deus dentro de nós. Pois só Deus teria poder para colocar dentro do homem algo que é contrário à sua inclinação, que está acima de sua natureza, e é infinitamente superior ao seu entendimento.

"Eis aqui o espírito do homem (escreveu o filósofo francês Fénelon): débil, incerto, limitado, cheio de erros. Quem tem posto a idéia do infinito e do perfeito em um ser tão limitado e tão cheio de imperfeições? Quem tem posto em mim essa idéia do infinito? Ela está em mim, mas não sou eu.'

Muitos filósofos e teólogos têm falado dessa voz existente na consciência do homem, onde Deus manifesta a sua vontade; têm falado desse ponto em que

Deus toca a alma para suspendê-la até ao conhecimento dele. Agostinho, expressando-se à semelhança de um simples pecador destituído da graça de Deus, colocou em seus próprios lábios as palavras que esse pecador, distante dos caminhos eternos, pronunciaria:

Há dentro de mim mesmo uma profundidade que não conheço e que tu conheces, Senhor, profundidade que não é mais que trevas, até converter-se em luz, sob o resplendor de tua face![4]

ORAÇÃO ANTES DA MORTE

A oração que se segue foi encontrada no bolso de um soldado norte-americano desconhecido. Ele tombou em pleno campo de batalha, estraçalhado por uma granada. Dele só havia restado, intacta em um de seus bolsos rasgados e ensangüentados, uma folha de papel contendo esta oração em forma de poema. Ora, tendo sido um homem que antes jamais se preocupara com Deus ou com o destino de sua alma na eternidade, o que o teria levado a pensar no seu Criador horas antes de morrer, senão a voz da consciência, e o testemunho da Criação?

Escuta Deus:
Jamais falei contigo.
Hoje quero saudar-te. Bom dia, como vais?
Sabes, disseram que tu não existes,
e eu, tolo, acreditei que era verdade.
Nunca havia reparado a tua obra.
Ontem à noite, da trincheira rasgada por granadas
vi teu céu estrelado
e compreendi então que me enganaram.
Não sei se apertarás a minha mão.
Vou te explicar e hás de compreender.
É engraçado: neste inferno hediondo causado pela guerra
achei a luz para enxergar teu rosto.
Dito isto, já não tenho muita coisa a te contar:
só que... que... tenho muito prazer em conhecer-te.
Faremos um ataque à meia-noite.
Não sinto medo.
Deus, sei que tu velas...
Ah! é o clarim! Bem, Deus, devo ir-me embora.
Gostei de ti, vou ter saudades... Quero dizer:
será cruenta a luta, bem o sabes,
e esta noite pode ser que eu vá bater à tua porta!
Muito amigos não fomos, é verdade.
Mas... sim, estou chorando.
Vês, Deus, penso que já não sou tão mau.
Bem, Deus, tenho que ir. Sorte é coisa bem rara.
Juro, porém: já não tenho medo da morte.[5]

A voz da consciência, a chamada lei moral, existe dentro de cada ser humano, recriminando-o pela prática de más obras e proclamando a existência de Deus. O orador romano Cícero chamou a atenção de todos para o fato de não existir uma lei natural em Roma, outra em Atenas, outra agora, outra depois, mas uma eterna e imutável lei, que se estende a todos os povos e em todos os tempos. E também de Cícero a seguinte observação:

Os verdadeiros sábios estão sempre convencidos de que a lei moral não é uma invenção humana, mas eterna, e é a regra do Universo... Todo o fundamento

da lei moral se acha em Deus, que ordena e que proíbe.[6]

DESEJO DE ETERNA FELICIDADE

Além de existir dentro do homem essa voz que reprova suas más ações, e a idéia de que acima de nós há um Ser superior e perfeito, devemos nos lembrar também que dentro de toda pessoa existe um desejo de total felicidade. Porém, conforme tem mostrado a experiência humana, não é possível chegar-se à plena felicidade aqui na Terra. Deve existir então alguma coisa ou um Ser capaz de satisfazer essa sede de felicidade, pois a natureza não criaria algo impossível de ser atingido. Conclui-se, portanto, que a felicidade pela qual todos anseiam, existe. Não nas coisas criadas, e sim fora deste mundo há um Ser com totais poderes de satisfazer plenamente o desejo de felicidade dos seres humanos. Este ser é Deus.

Foi ele quem colocou no coração do homem o desejo de felicidade eterna. E por esse motivo que o ser humano vive sempre faminto de algo que está além do mundo e muito acima dele mesmo. Na tentativa de satisfazer esse anseio, muitas vezes as pessoas mergulham nos prazeres que o mundo lhes oferece; porém, no fim de tudo elas sempre se sentem frustradas, e reiniciam sua busca de felicidade eterna, como um prisioneiro que mede todos os limites de sua prisão, e conta, com impaciência, todas as horas do seu exílio.

O homem buscará a Deus em todos os tempos, por todos os caminhos e no mais profundo de sua consciência. Porém, apesar de estar ciente de que a Natureza, além de o sustentar com suas dádivas e sua força, tem sido dominada em parte pela tecnologia e está a serviço da humanidade, o homem sabe que através dela não conseguirá descobrir qual é a finalidade de sua existência. Na própria sociedade onde vive, e na qual busca proteção, ele reconhece que corre perigo de ser aniquilado. Nela, o homem também não conseguirá saber qual é a razão de sua vida.

Se o ser humano tivesse sido dotado de poderosas asas que lhe permitissem voar, certamente seu desejo de desvendar o Mistério o conduziria às moradas do Altíssimo, às regiões superiores onde vive Aquele que exerce domínio sobre todas as coisas. Sua consciência lhe diz que há um Deus soberano, oculto na obscuridade do Mistério, mas sua inteligência limitada, finita, não pode chegar até ele. O escritor francês Littré expressou esse desejo e essa insatisfação do homem ainda não alcançado pela graça, ao escrever: "O Absoluto, o Infinito é como um oceano que vem bater às nossas praias, para o qual não temos nem barcos nem asas."

Porém, esse "barco", essas "asas" de que fala Littré poderão ser dadas ao homem por Jesus Cristo. Ele é a maior revelação de Deus à humanidade, a única resposta a todos os anseios do ser humano, o único caminho que conduz a Deus: "... Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim", disse Jesus (João 14:6). Deus fez uso de vários meios para testemunhar de sua existência ao homem, mas de nenhum desses meios ele fez um caminho de salvação, a não ser através de seu Filho Jesus Cristo, o Salvador da humanidade.

Até aqui temos visto que, profunda e desconhecida, a voz da consciência tem sido uma das maneiras através da qual Deus tem-se revelado ao ser humano, assim como tem-se revelado no sentimento religioso dos povos e nas obras de suas mãos existentes no Universo. É necessário, porém, examinarmos no próximo capítulo, se a primeira idéia que os homens tiveram acerca da divindade estava relacionada com um único Deus ou com vários deuses. Ou seja: qual foi a crença inicial? A da existência de um Deus, ou a da existência de vários

deuses?

Se os descendentes do primeiro casal, até uma determinada geração, temiam e curvavam-se diante da idéia de um Deus único e verdadeiro, como surgiram ou quem inventou os outros deuses? É o que estudaremos a seguir.

Encerramos este capítulo citando a bela oração do escritor inglês Martineau (1802-1876):

O Deus, que és, que eras e que hás de ser, perante as gerações que se levantam e passam; de geração em geração os vivos te buscam, e sabem que tua fidelidade não tem fim. Tu, fonte única da paz e da justiça, tira o véu de todo o coração, e une a todos nós em verdadeira comunhão com os teus profetas e santos, que confiaram em ti e não foram decepcionados...

A REBELIÃO

Nilo Aparecida Pinto

O pânico dos anjos. Os lamentos
dos fiéis. A revolta pelos ares.
A cólera abalando os fundamentos
das ocultas muralhas estelares.

A rendição do orgulho. Os sonolentos
abismos devorando rubros mares,
legiões de auroras e deslumbramentos,
selva de lanças e corcéis lunares.

O cortejo terrível da vitória,
com as trompas e as hosanas estrugindo.
Os carros. Os troféus. O sol em glória
irrompendo. As bandeiras flutuando.
Os arco-íris triunfais se abrindo.

O Senhor dos Exércitos passando...

CAPÍTULO 5
UM DEUS OU VÁRIOS DEUSES?

O APARECIMENTO DE "DEUSES" NA TERRA

Em que criam os primeiros seres humanos que povoaram o mundo: na existência de um único Deus ou em vários deuses? Para este tema têm-se voltado centenas de filósofos, etnólogos e historiadores. Ao longo dos séculos, muitos estudos têm sido feitos para se saber que idéia influenciou primeiro as populações primitivas: Se o monoteísmo (ou seja, a crença na existência de um único Deus), ou se o politeísmo (a crença na existência de vários deuses).

O curioso é que, estando incluído entre os pensadores que têm debatido sobre este assunto, o filósofo francês Voltaire, apesar de sempre ter-se mostrado propenso a apegar-se a idéias anarquistas e antibíblicas, acreditava plenamente que a forma originária de crença do ser humano fora a da existência de um único Deus. "O politeísmo surgiu muito tempo depois, devido à fraqueza humana", concluiu o famoso escritor.

Ora, o interessante é que a posição da maior parte dos etnólogos modernos (homens que se dedicam ao estudo das práticas religiosas e dos costumes dos povos primitivos) diante da questão, é a mesma adotada por Voltaire. Um exame da Bíblia neste sentido nos mostra também que o que houve na humanidade foi uma degradação: da crença na existência de um único Deus: os homens passaram pouco a pouco a cultuar e a crer na existência de vários deuses.

Por esse motivo, a luta antipoliteísta e anti-idolátrica marca de ponta a ponta as páginas das Sagradas Escrituras, e o posicionamento dos que nela deixaram os seus registros inspirados é semelhante ao conteúdo desta afirmação do profeta Jeremias:

Mas o Senhor Deus é o verdadeiro Deus; ele mesmo é o Deus vivo, o Rei eterno. Do seu furor treme a terra, e as nações não podem suportar a sua indignação. Assim lhes direis: esses deuses, que não fizeram os céus e a terra, desaparecerão da terra e de debaixo deste céu (Jeremias 10:10,11).

DESVIOS DA HUMANIDADE

Em todos os locais onde a cultura humana floresceu, nos grandes ou pequenos redutos onde foram encontrados monumentos religiosos ou qualquer outro vestígio de práticas religiosas, tem-se verificado que houve uma decadência no primitivo sentimento de adoração a Deus. A princípio o homem considerava a Natureza, e tudo o que nela existe de mais belo, como sinais da existência de um Deus único, individual, invisível e superior ao mundo. Tudo anunciava a existência de Deus, mas não era visto como o próprio Deus, concebido como ser total e essencialmente único. Portanto, a crença na existência de vários deuses, surgida tempos depois, foi uma degeneração, uma conseqüência da observação supersticiosa da Natureza, e do temor diante dos diversos fenômenos e seres nela existentes. Mas foi sobretudo resultado da inegável atuação das hostes malignas de Satanás.

Portanto, várias circunstâncias contribuíram para desviar a humanidade, através de séculos e milênios, da crença na existência do verdadeiro Deus. A medida em que a crença em muitos deuses ia se alastrando entre os povos, os seres humanos passaram a adorar os ídolos da casa, da tribo, da cidade, da selva, do reino, da nação, do império. Passou-se a adorar e a servir a criatura em lugar do Criador, caindo-se na abominável confusão denunciada muito tempo

depois pelo apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos: "Mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram a criatura em lugar do Criador, que é bendito eternamente" (Romanos 1:25).

DEUSES POR TODA PARTE

Assim, a Terra passou a ser adorada pelas religiões siro-fenícias, como mãe fecunda de todas as outras divindades; o sol passou a ser cultuado pelos egípcios, e, tempos depois, pelos japoneses; o céu tornou-se o deus dos chineses; os persas adoravam o fogo, vendo-o como uma gigantesca ave do céu com asas de ouro, a travar combates tremendos com os "espíritos da noite". Inventando deuses e mais deuses, a humanidade foi-se distanciando cada vez mais da crença original de um único Deus soberano. A água, o vento, a chuva fertilizadora, o sol, o orvalho, o trovão, o relâmpago, as nuvens, os animais — tudo, tudo passou a ser divinizado. Conforme comentou o orador francês Bossuet, "tudo era Deus, menos o próprio Deus".

Ora, mas que Deus é este que o espírito humano há tantos séculos sabe de sua existência, mas não consegue compreender? Por acaso ele é o mesmo que os deuses informes dos selvagens, o *Phtah* dos egípcios, o *Bel* dos assírios, o *Odin* dos escandinavos, o *Wotan* dos tedescos, o *Teutates* dos celtas, o *Zyus* dos brâmanes, o *Zeus* dos gregos, o *Júpiter* dos romanos, o *Alá* dos maometanos? Não! "Porque o Senhor é o grande Deus, e grande Rei acima de todos os deuses", declarou o salmista (Salmo 95:3). E o profeta Isaías acrescentou: "Assim diz o Senhor, Rei de Israel, e seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro, e eu sou o último, e fora de mim não há Deus" (Isaías 44:6). "Eu creio no Deus que criou os homens, e não nos deuses que os homens criaram", declarou energicamente o escritor francês Alexis Karr.

ISRAEL E A CRENÇA EM UM ÚNICO DEUS

Diante do aparecimento e da propagação de tantos deuses no mundo antigo, o puro monoteísmo de Israel, que se apresenta como um acontecimento absoluto e único na história, superando qualquer explicação psicológica, cultural ou étnica, é verdadeiramente um milagre. Os estudiosos têm concluído, admirados, que o fato de a religião de Israel ter reclamado para si, contra todas as religiões politeístas e mais antigas que ela, a adoração de um único Deus, está completamente fora das leis que regulam a evolução histórico-cultural da humanidade; é um fato surpreendente e cientificamente inexplicável.

Sabe-se, através de vários documentos, que a raça semita de onde se originou o povo de Israel teve originariamente a noção da existência de uma "Potência suprema". Por outro lado, os documentos que nos chegaram provenientes dos antigos povos cananeus revelam que, sob a influência de outros povos que transitavam na Mesopotâmia, os semitas, com a única exceção do povo hebreu, se degradaram moralmente e *caíram no* poli-teísmo. "Quem não reconhece a Deus por Senhor, terá que submeter-se a muitos senhores", diz um antigo provérbio.

Porém, apesar de a mentalidade desses povos, tanto semitas como de outras raças, entre os quais Israel peregrinava, ter sido totalmente politeísta, não há nenhum vestígio na Bíblia que mostre ter a influência dessas nações apagado por completo no coração dos israelitas a fé monoteísta, desviando-os totalmente da crença em um só Deus. Mesmo quando a nação caía sob a tentação dos cultos idolatras, a crença no Deus único e verdadeiro persistia na alma do povo, e era

isso o que sempre possibilitava o arrependimento e o retorno de Israel aos caminhos do Senhor.

O DEUS DOS PATRIARCAS E DOS PROFETAS

Essa grandiosa solidão e exclusividade de sentimento religioso experimentado pelo povo hebreu, verdadeira luz nas trevas, não se manifestou como uma afirmação ou experiência passageira, nem como resultado de profundas meditações filosóficas da parte dos líderes do povo. Ela aconteceu tão-somente devido à grandiosa intervenção do Senhor, que graciosamente elegeu Israel, instruiu-o e revelou-se a ele através de homens chamados e inspirados pelo seu Santo Espírito: os patriarcas e os profetas. Foi através desses homens que Deus se manifestou plenamente no meio da nação israelita, e irradiou fulgores que, sem limites de espaço e de tempo, anunciam a verdade e a salvação a todos os seres humanos, através de todas as gerações.[3]

Portanto, por intermédio dos patriarcas e dos profetas, o povo hebreu foi alcançado pela revelação de um Deus que é o mais elevado, o mais sublime entre todos os deuses, o único e verdadeiro Deus. A Bíblia é a história dessa revelação. A glória de Israel é, portanto, a de haver sido o primeiro, entre todos os povos, a receber a verdadeira idéia de Deus. Foi o único povo que primeiramente conheceu e professou o monoteísmo puro, apesar da posterior e forte atração que os seus filhos tiveram para o politeísmo semítico. Porém, no panorama religioso de todos os tempos, jamais existiu um monoteísmo tão severo e tão zeloso. Sua história, narrada na Bíblia, não é outra coisa senão a luta pela supremacia absoluta do único e verdadeiro Deus, superior aos reis vitoriosos, aos povos poderosos e aos seus deuses.

REVELAÇÃO DE DEUS NO MONTE HOREBE

Moisés havia levado o rebanho de ovelhas do seu sogro Jetro para o lado ocidental do deserto, até chegar aos pés do monte de Deus, o Horebe. Subitamente, o resplendor de uma sarça em chamas no alto do monte despertou a atenção do patriarca, e ele resolveu subir para ver de perto aquela maravilha — o fogo queimava, mas a sarça não se consumia! Ao aproximar-se, uma voz misteriosa e sublime elevou-se de dentro das chamas:

Moisés, Moisés, não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa. Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó (Êxodo 3:1-6).

Após declarar que vira o sofrimento do seu povo sob a opressão dos egípcios, o Senhor fez saber a Moisés que o encarregara de libertar a nação escolhida. Temeroso, o genro de Jetro quis saber qual era o nome próprio de Deus, nome que lhe serviria para justificar a autoridade daquela missão. E o Senhor lhe respondeu: "EU SOU O QUE SOU... Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros".

Diante desta revelação, religião alguma alcança semelhante sublimidade! É difícil explicar o que a conquista dessa tão alta idéia da natureza de Deus representa para o povo hebreu, 13 séculos antes do aparecimento do Cristianismo.

Porém, haveria no povo de Israel algum mérito especial que tivesse determinado sua eleição por parte do Senhor? Não. Para eleger, Deus não depende das súplicas humanas, nem das qualidades morais que um homem ou um povo por acaso possua. Essa eleição depende tão-somente do seu amor e da sua fidelidade:

O Senhor não se afeiçoou de vós, e vos escolheu por serdes mais numerosos do que todos os outros povos, pois éreis menos em número do que todos os povos. Mas porque o

Senhor vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o Senhor vos tirou com mão forte, e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito (Deuteronômio 7:7, 8).

Esse amor misterioso do Pai celestial é absolutamente livre: não está sujeito aos critérios humanos de julgamento.

Essa eleição é recíproca. Da mesma forma como Deus escolhe seus fiéis no meio da multidão de homens, assim também os eleitos devem escolher a Deus, excluindo totalmente os falsos deuses. Esta reciprocidade, em que está encerrado todo o in-sondável mistério do amor divino e do regresso do pecador ao seio do Sumo Bem, é simbolizada e expressada como "pacto" ou "aliança": "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência depois de ti em suas gerações, como aliança perpétua, para ser o teu Deus, e da tua descendência depois de ti" (Gênesis 17:7). Abraão reconheceu o Altíssimo, o Deus do Céu e da Criação, e só a ele dedicou o seu culto. E Deus honrou a fé e a integridade do seu servo.

NÃO NOS É LÍCITO REPRESENTAR A DEUS

Portanto, além de haver inundado a Natureza e a consciência coletiva e individual de todos os povos com as provas de sua existência, Deus elegeu um povo e revelou-se a ele de forma especial, para, através desse povo, abençoar todas as nações da Terra, estabelecendo assim um caminho de salvação que conduz a Cristo, o Salvador da humanidade, surgido em meio à confusão que os falsos deuses haviam causado.

"No evangelho de Jesus se consuma com perfeição a aspiração de tornar racional e de humanizar a idéia de Deus, que palpitava já desde os tempos mais remotos da tradição israelita, sobretudo nos profetas e nos salmos, e que enriquecera e engrandecera o sentimento do sagrado... Assim, chegou-se à forma insuperável da crença em Deus Pai, tal como existe no Cristianismo, com Jesus Cristo", comentou oportunamente o escritor alemão Rudolf Otto.

Além de combater o politeísmo (a idéia da existência de outros deuses), a Bíblia também combate a idolatria (culto prestado a ídolos, geralmente representados por imagens de escultura dos falsos deuses ou do verdadeiro Deus): "Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem a elas servirás; pois eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso..." (Êxodo 20:4, 5). Porém, não podendo vê-lo pessoalmente, e sentindo-se irresistivelmente atraído pela curiosidade de saber "como ele é", o ser humano sempre carregou dentro de si um imenso desejo de representar a Deus através de figuras e símbolos.

A Bíblia combate esse desejo idolatra, por ele ser a negação da unidade e da transcendente invisibilidade de Deus. Além disso, a idolatria é uma tentativa de rebaixar o Criador à condição de uma obra feita por homens. O Ser Eterno e Supremo, origem da Vida, ficaria reduzido a um pedaço de madeira ou pedra inanimados, simples produto fabricado pelas mãos de um artífice. E isto sempre foi um ultraje, uma abominação à sua santa, digna e perfeitíssima Pessoa.

O culto das imagens de Deus, entre o povo de Israel, sempre constituiu-se em gravíssima transgressão da "aliança": "Guardai-vos de vos esquecer da aliança que o Senhor vosso Deus fez convosco, fazendo alguma imagem de escultura,

figura de alguma coisa que o Senhor vosso Deus vos proibiu" (Deuteronômio 4:23). Só em Jesus Cristo a humanidade encontra a única representação verdadeira e completa de Deus. Ele está revelado nas páginas da Bíblia, e se revela dentro de nós. Em Jesus, temos Deus humanamente revelado, pois ele "é o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa" (Hebreus 1:3). E foi o próprio Jesus quem disse que "Deus é espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (João 4:24).

UM SÓ DEUS, E NÃO VÁRIOS DEUSES

"Temos deuses demais para serem verdadeiros", disse certa vez um antigo politeísta, desconfiado e incrédulo diante da adoração de tantos deuses. Ora, as mitologias antigas, as histórias lendárias dos primeiros povos mostravam o mundo sacudido e visitado por milhares de deuses, em sua maioria inimigos dos homens e inimigos uns dos outros, que se destronavam, que se digladiavam, que se despedaçavam. Porém, à medida em que as pessoas foram reaprendendo a observar o mundo, notaram que a Natureza tem as suas leis, e essas leis são fixas. O Universo pareceu-lhes então uma obra-prima, criado e governado por um ser dotado de infinita sabedoria. A Bíblia foi a principal responsável por essa concepção da soberana posição de Deus diante de todas as coisas. A mensagem que ela trouxe aos homens (inicialmente aos judeus, e depois ao mundo todo) abalou as bases da crença politeísta.

Portanto, as fictícias narrações de guerras ocorridas entre os deuses mitológicos passaram a impressionar cada vez menos o ser humano. A atuação e a existência desses deuses seriam confirmadas se o sol interrompesse o seu deslizar cotidiano no céu, se os astros se chocassem uns com os outros, se os rios corressem para as nascentes, se os mares e oceanos avançassem e cobrissem toda a Terra. Mas nada disso era visto. Ora, por acaso não haveria motivos para se pensar que existe um só Deus, que estabeleceu leis fixas e as mantém? Sim, pois se existissem muitos deuses, todos os dias os homens contemplariam o resultado de suas vontades em discórdia, a confusão estaria estabelecida no mundo, e os fenômenos da Natureza seriam irregulares e descontrolados:

Porque assim diz o Senhor que criou os céus, o único Deus, que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não a fez para ser um caos, mas para ser habitada: Eu sou o Senhor e não há outro (Isaías 45:18. ARA).

Portanto, além de ter-se revelado na consciência coletiva dos povos, na natureza e na consciência de cada indivíduo, Deus revelou-se na Bíblia, destronando os falsos deuses. Através das Sagradas Escrituras, a humanidade tem recebido o testemunho da existência do Deus único e verdadeiro, que é Rei, Pai e Criador dos céus e da Terra. Ele opera maravilhas entre os homens e detém em suas mãos o domínio do Universo. "Surgem e se vão novas formas, novas circunstâncias históricas e sociais, mas sempre e sempre, atrás e por debaixo delas todas, está a revelação de um Deus que não muda e que é eterno", escreveu o apologista Allan Richardson.

Porém, por que há pessoas que não crêem na existência de

Deus? Por que o ateísmo tem-se propagado tanto neste século? É possível o ser humano chegar à conclusão de que Deus não existe, apesar de se deparar com tantas e tão grandiosas provas de sua existência? E o que veremos no capítulo seguinte.

A UM ATEU

Vasco de Castro Lima

Não crês em Deus. No entanto, Deus existe,
E atrás de tudo eu vejo a sua mão.
Segue-te os passos desde que surgiste,
E, para amá-lo, deu-te um coração.

Ele criou o sol que assiste,
E o mar, e a terra, o céu, o amor, e o pão...
Dá vida aos mortos, alegria ao triste,
ao pecador, a bênção do perdão.

Deus vive em nós e está no seu sacrário,
Como esteve no drama do Calvário,
E no humilde presépio de Belém.

Não crês porque não viste. Mas, um dia
Tu O verás, pois diz a Profecia
Que os próprios cegos O verão também!

CAPÍTULO 6
A NEGAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS

A PROPAGAÇÃO DA ATEÍSMO NO MUNDO

Disse o néscio no seu coração: Não há Deus" (Salmo 14:1. ARC). O ateísmo é hoje uma realidade no mundo. Nenhum evangélico deve ignorar ou ficar indiferente diante deste fato. Existe um movimento de negação formal da existência de Deus, e é grande o número de pessoas que têm-se deixado influenciar pela atitude dos que afirmam não acreditar na existência de um Deus Criador do Universo, cujo Filho deu sua vida para salvar a humanidade. Porém, desde já devemos reconhecer que o ateísmo, seja qual for a forma como ele se apresente, é uma violência que o homem pratica contra sua própria consciência, é uma tentativa de anulação e desconhecimento de todas as provas da existência de Deus produzidas ao longo de toda a história humana.

Além do mais, sabe-se que até hoje *nenhum* ateu fez uma demonstração racional que justificasse a "lógica" do seu ateísmo. "O primeiro ateu deve ter sido um delinqüente que procurava, negando a Deus, livrar-se da única testemunha da qual ele não podia ocultar seu crime", observou certa vez, com muita propriedade, o escritor italiano Giovani Papine. O ateísmo tem-se constituído também em um princípio de dúvidas para as pessoas que só acreditam que Deus existe baseadas nas clássicas demonstrações de sua existência, mas ainda não foram introduzidas, pelo Sumo Sacerdote e Salvador da humanidade, Jesus Cristo, no "Santo dos Santos, onde Deus habita". Vejamos como e através de quem o movimento ateísta popularizou-se no mundo moderno.

O ATEÍSMO, DA ANTIGUIDADE AOS NOSSOS DIAS

No primeiro capítulo deste livro, vimos que jamais foram encontrados povos ateus. Contudo, se examinarmos o pensamento dos grandes homens da Antigüidade, descobriremos certas posições isoladas de filósofos que afirmavam não acreditar na existência de Deus. Porém, devemos atentar para um aspecto importante do ateísmo. Quando o ateu diz: "Deus não existe", a que Deus ele estará negando? Ao verdadeiro Deus? Ele nega a existência de Deus, seja qual for o modo como imagina-se que Deus seja, ou nega a existência de um deus imaginado de uma certa maneira?

O escritor francês Jean Claude Barreau conta uma experiência vivida por ele no período em que negar a existência de Deus era moda na França, em decorrência da propagação da filosofia existencialista: "Naquela época estavam representando no teatro a peça 'O Diabo e o Bom Deus', de Jean Paul Sartre, peça que causava horror aos meus companheiros de fé. Fui assisti-la e ela nem me atingiu. Era Baal, era Moloc que Sartre denunciava. Não era meu Deus. Eu abominava o deus de Goetz (um dos personagens da peça) tanto quanto Sartre."

E é Jean Claude que nos fornece a frase ideal para ser usada como resposta a esses ateus equivocados: "Isto que você recusa eu também não aceito, porque nada tem a ver com o Deus dos Evangelhos." "Um dia o semblante do Deus dos Evangelhos me fascinou. E este semblante que vi é bem distinto das idéias de Deus que muitas pessoas têm em mente. Este retrato de Deus vai muito além das definições dogmáticas."

Alguns homens da Antigüidade, ao se posicionarem como ateus, nem sempre estavam negando a existência do verdadeiro Deus, e sim dos "deuses",

por não concordarem com o politeísmo existente em seus países. Foi o caso dos filósofos gregos Anaxágoras e Sócrates. Este último chegou, inclusive, a ser julgado e condenado à morte sob a acusação de estar corrompendo a juventude com idéias ímpias. Ou seja: Sócrates estava levando os jovens a não acreditarem na existência dos deuses em que o povo grego acreditava, os mesmos deuses a quem Paulo se referiu no seu discurso no Areópago (Atos 17:22-25).

Ora, já naquela época, o célebre filósofo grego Platão (427-348 a.C), discípulo de Sócrates, havia criticado a posição ateís-tica, dirigindo energicamente suas sábias palavras a um ateu:

Nem tu, nem teus companheiros sois os primeiros nem os únicos que tendes semelhante opinião da Divindade, mas em todos os tempos, ou mais, ou menos, sempre houve quem estivesse afetado dessa enfermidade. Travei conhecimento com muitos deles, e por isso vos digo que nenhum dos que na sua mocidade negou a existência de Deus manteve semelhante opinião até a velhice.

Aconselho-te, pois, agora, a não ousares cometer algum ato impiedoso contra a Divindade. Antes de proferires uma palavra contra Deus, medita três e dez vezes; porque chegará o dia (e chegará breve) em que o escárnio expirará em teus lábios trêmulos; virá o dia em que precisarás de Deus e da sua eterna verdade para a tua alma aflita, vazia e trespassada pela dor.[2]

Porém, o filósofo grego Epicuro e o poeta latino Lucrécio (c. 99-55 a.C.) continuaram o trabalho de propagação das idéias ateístas: afirmaram que tudo se origina da matéria existente no Universo. Para eles o Universo sempre existiu, nunca foi criado. No seu famoso poema materialista *De Rerum Natura* (Da Natureza), Lucrécio diz que nem Deus nem os deuses existem. O mundo surgiu da união dos átomos. Mas se alguém lhe perguntasse quem ou o que teria levado esses átomos a se unirem para formar o mundo, Lucrécio responderia: "Foi o acaso". O interessante é que o próprio escritor comunista francês Anatole France, após concluir ser absurdo tentar explicar a existência do mundo como produto do acaso, comentou certa vez: "Acaso é, talvez, o pseudônimo de Deus quando não desejava assinar o nome".

OS JOVENS SOB O PERIGO DO MATERIALISMO

As idéias dos filósofos ateus da Antigüidade influenciaram a maioria dos pensadores franceses do século XVIII, e na segunda metade do século XIX, uma perigosa onda de materialismo avançou pelas praias da filosofia e da ciência, e afogou muitos no mar do ateísmo, alcançando seus maiores efeitos no meio da mocidade estudiosa. Dois escritores alemães, Buchner e Ernesto Haeckel, foram especialmente usados pelas forças invisíveis das trevas que atuam no mundo, para semear a dúvida no coração dos estudantes europeus, e levá-los a desacreditar da Bíblia. Buchner escreveu o livro *Força e Matéria,* publicado em 1855. Traduzido em dezenas de idiomas, essa obra chegou a ser lida por quase todos os jovens estudantes americanos e europeus daquela época.

Os Enigmas do Universo foi o título que Ernesto Haeckel deu ao seu livro, lançado na Alemanha em 1863. Só em alemão essa obra alcançou mais de 200 edições, sendo traduzida em todos os idiomas cultos da época. Esses dois livros foram a grande preparação para o ateísmo que surgiria como base do regime político adotado na Rússia no início do século seguinte. Procurando dar para todos os fenômenos da Natureza uma explicação materialista, apresentando soluções enganosas em nome da ciência (da falsa ciência, diga-se de passagem), Haeckel conquistou a simpatia ingênua da mocidade, proporcionando-lhe a

ilusória satisfação de estar explicando os segredos do universo sem necessitar de, em nenhum momento, recorrer a Deus. Porém, décadas depois, as afirmações desse escritor foram desmentidas pela própria ciência, e Haeckel ficou conhecido nos meios científicos como um falsário. Mas ele foi muito lido e admirado também pelos estudantes do Brasil.

Recapitulemos: para os materialistas, tudo é matéria (não existe um mundo espiritual, não existe Deus), e tudo volta para a matéria eterna. Viemos do nada e entraremos no nada pela morte. Não há outra vida além desta, dizem eles. Soberbos, e achando que os conhecimentos científicos que possuem os tornam donos da verdade, os materialistas afirmam que os "homens cultos" já não acreditam hoje "nessas tolices de Céu e de Inferno". A única coisa em que crêem é na religião da ciência. Para eles o mundo surgiu sem a participação de Deus, desenvolveu-se sem Deus e há de chegar à sua perfeição sem Deus.

Antigamente os intelectuais que negavam a existência de Deus eram olhados como alguém à parte da sociedade. O ateísmo era visto como uma atitude hiperintelectual, aristocrática, e por isso desprezada pelo povo. Porém, no século XX essa situação mudou. Foi a grande estratégia de Satanás! O ateísmo deixou de ser aristocrático para se tornar popular. Saiu do domínio intelectual e passou a influenciar a existência de milhões de pessoas. Diante de problemas como a fome, a guerra e as injustiças, muita gente tem rejeitado Deus como alguém necessário para a solução desses problemas, e até mesmo se negado a crer que ele exista.

O ATEÍSMO NA UNIÃO SOVIÉTICA

Apoderando-se, em outubro de 1917, do governo da antiga Rússia dos tzares, o Partido Comunista liderado por Vladimir Ilitch Ulianov (1870-1924), conhecido como Lênin, colocou em prática as idéias dos filósofos alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), e passou a controlar o regime e a situação no país pelo uso da violência, caracterizando-se também pela intolerância religiosa. Conta-se que o pai de Lênin, Ilia Nikolaievitsch Oulianof, acreditava na existência de Deus e se comprazia em recitar as seguintes palavras do escritor Nekrassof: "Apareceu-me sobre a colina a casa de Deus, e senti, de repente, uma pureza de fé destilar-se da alma como um perfume.'

Mas Lênin confessava-se ateu desde a sua juventude. O escritor Dostoievski comentara tempos atrás sobre o quanto era fácil os seus compatriotas russos tornarem-se ateus! "E mais fácil que a qualquer outro habitante do globo! E os nossos não se tornam apenas ateus: crêem no ateísmo como se fosse uma nova religião, sem notarem que é crer no nada." Vários anos antes da implantação do regime socialista na Rússia, Ivan Fedorovitch (um dos personagens do romance *Os Irmãos Ka-ramazov,* escrito por Dostoievski) comentara:

Segundo o meu parecer, não se deve destruir nada, senão a idéia de Deus no espírito do homem: é por aí que se tem de começar. Logo que toda a humanidade tiver chegado a negar a Deus (e creio que a época do ateísmo universal chegará, como uma época geológica), desaparecerão os antigos sistemas e sobretudo a antiga moral. Os homens reunir-se-ão para pedir à vida tudo o que ela pode dar, mas somente e absolutamente a esta vida presente e terrestre. O espírito humano crescerá, elevar-se-á a um orgulho satânico, e serão os tempqs do deus-humanidade.[7]

ATEUS RECONHECEM A EXISTÊNCIA DE DEUS

Porém, apesar de todas as posições radicais, conta-se que durante a revolução russa, quando a cidade de Petersburg foi rodeada pelo general Kornilov e suas tropas anti-comunistas, Lenin repetiu várias vezes, durante um discurso, a expressão: "Dai Boje", que significa: "Permita Deus escaparmos.' Vários outros episódios envolvendo autoridades comunistas da Rússia mostram que o povo russo é tão desejoso de Deus quanto qualquer outro povo sobre a face da Terra. Antes da invasão russa do Norte da África, o próprio Stalin disse várias vezes: "Que Deus nos dê êxito na operação Torch." Costumava dizer também que "o passado pertence a Deus".

O Ministro do Interior dos Negócios Soviéticos, Iagoda, ao saber que fora condenado à morte por Stalin, disse: "Deve existir um Deus, porque meus pecados me alcançaram." No seu leito de morte, o presidente da Liga dos Ateus na Rússia, Iaroslavski, pediu insistentemente a Stalin: "Queima todos os meus livros! Veja, ele está aqui! Ele esperou-me. Queima todos os meus livros!"

Atacando inicialmente o catolicismo soviético, o Partido Comunista concentrou depois sua campanha ateísta contra toda e qualquer manifestação religiosa dentro do território russo. O objetivo principal era esmagar de uma vez por todas a idéia da existência de Deus, arrancar a fé em Deus do coração do povo como quem extirpa um tumor maligno, e bani-la para sempre da Rússia e dos demais países comunistas. As seguintes palavras, escritas em 1993 por um membro do partido dos ateus militantes, mostram bem a que grau havia chegado a perseguição religiosa naquele país:

Devemos agir de maneira que cada golpe vibrado contra o clero ataque a religião em geral... Ainda os mais cegos vêem até que ponto se torna indispensável a luta decisiva contra o eclesiástico, quer se chame pastor, abade, rabino, patriarca, mula ou papa; essa luta deve desenvolver-se também e inelutavelmente contra Deus, quer se chame Jeová, Jesus, Buda ou Alá.[13]

Tendo sido definida pelo filósofo Karl Marx como o ópio do povo, a religião teve entre os comunistas os seus dias contados. O escritor evangélico russo Richard Wurmbrand, no seu livro *A Resposta à Bíblia de Moscou,* fez sobre isso o seguinte comentário:

Em setembro de 1932, uma revista de Moscou, Molodaia Guardiã (Vanguarda Jovem) anunciou que, de acordo com o plano ateístico de cinco anos, até 1937 toda manifestação religiosa deveria ser definitivamente destruída e a Palavra de Deus silenciada para sempre. Isto porém não aconteceu. O cristianismo está prosperando em muitos países comunistas, mesmo sob interdição e ameaça de perseguição. Por quê?[14]

Todavia, e para alegria da comunidade evangélica mundial, o problema do ateísmo na Rússia sofreu impactantes mudanças após a queda do muro de Berlim e a fragmentação da antiga União Soviética. Fortíssimos ventos anunciadores da verdade bíblica e proclamadores da existência de Deus têm penetrado pelos rasgões existentes na chamada Cortina de Ferro. Agora a existência de Deus passou a ser assunto do dia-a-dia em milhares de lares russos.

UMA VIDA SEM ESPERÂNÇA EM OUTRA VIDA

Não há situação mais triste, mais digna de compaixão do que a de uma pessoa que vive tão-somente o hoje, o agora, levando dentro de si a convicção do aniquilamento total após a morte. Há — somos forçados a reconhecer — uma grandeza tragicamente sinistra neste avançar do ateu fria e conscientemente para

o Nada. Enquanto a morte daquele que aceitou a Cristo como seu Salvador e lhe foi fiel é iluminada pela esperança da vida eterna e da ressurreição final, bem diferente é a morte do ateu, do "herói vermelho" que morre sem nenhuma esperança no Amanhã. O filósofo inglês Bertrand Russel, con-fessadamente ateu, no seu livro *Porque não Sou Cristão,* traçou, com as seguintes palavras, o perfil psicológico de centenas de milhões de pessoas que, como ele (Russel já faleceu), tentam parecer serenas, conformadas e felizes ao marcharem para a morte, convictas de que ela as aniquilará totalmente:

Acredito que, quando morrer, apodrecerei, e que nada do meu eu sobreviverá. Não sou jovem e amo a vida. Mas desdenharei tremer de terror ante a idéia do aniquilamento. A felicidade não é menos felicidade nem menos verdadeira por ter de chegar a um fim; tampouco o pensamento e o amor perdem o seu valor por não serem eternos.[15]

Mais amargo, trágico e dolorosamente nítido foi o autoperfil ateísta-materialista traçado pelo poeta brasileiro Manuel Bandeira no poema *A Morte Absoluta:*

Morrer.
Morrer de corpo e de alma.
Completamente.

Morrer sem deixar o triste despojo da carne,
A exangue máscara de cera,
Cercada de flores,
Que apodrecerão — felizes! — num dia,
Banhadas de lágrimas
Nascidas menos da saudade do que do espanto da morte.

Morrer sem deixar porventura uma alma errante...
A caminho do céu?
Mas que céu poderá satisfazer teu sonho de céu?
Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra,
A lembrança de uma sombra
Em nenhum coração, em nenhum pensamento,
Em nenhuma epiderme.
Morrer tão completamente
Que um dia ao lerem o teu nome num papel
Perguntem: "Quem foi?..."

Morrer mais completamente ainda
— Sem deixar sequer esse nome.[16]

E AGORA, DRUMMOND?

E por falar em poeta, Carlos Drummond de Andrade, o maior poeta brasileiro de todos os tempos, partiu para a eternidade sem crer na existência de Deus. E toda a sua poesia se ressentiu desse seu posicionamento. (Acreditamos que um rápido estudo do perfil literário-filosófico de Drummond — um dos maiores expoentes da cultura moderna na América Latina — fornecerá elementos aos estudiosos do comportamento religioso da maioria dos intelectuais latino-americanos).

Tendo nascido no início deste século (1902) em uma das muitas cidades mineiras enraizadas no catolicismo, o menino Drummond estudou em estabelecimentos de ensino dirigidos por padres, mas sua obra revela que esse seu contato com pedagogos e sacerdotes católicos não lhe proporcionou respostas para as futuras perguntas que o jovem poeta faria, e não o aproximou de Deus.

Entre os temas que alicerçam o imenso edifício poético deixado por ele — a vida, o amor, a morte, o homem perdido nas grandes cidades, sua infância em Minas, a angústia, o eterno adeus de parentes e amigos, sua luta com as palavras, o difícil ofício de existir —, nota-se a ausência de temas ligados à alma, à vida eterna, a Deus. Certa vez, durante uma entrevista, Drummond definiu sua posição diante desses assuntos:

Eu tenho um pensamento tranqüilo a respeito das coisas sobrenaturais. Eu sou — parece pretensioso — agnóstico, aquela pessoa que não tem argumento nem para negar Deus nem para crer. Não é posição de mineiro, é visão filosófica antiqüíssima. Como não consegui achar uma solução para este problema, para que me atazanar com isto?

VIVER POR TEIMOSIA

Mas esse aparente desdém, esse dar de ombros, essa suposta indiferença com relação a Deus tinha raízes que se lançavam no poço de Mara (de águas amargosas — Êxodo 15:23) de onde fluiu o tom de resignação e amargura que revestiu grande parte dos poemas produzidos por ele em sua maturidade e velhice. Já no seu primeiro livro, publicado em 1930, Drummond, jovem de 28 anos, mostrava o que tinha sido sua vida até ali: uma tentativa de mostrar-se superior às vicissitudes existenciais. Mas o jovem poeta não pôde esconder o sentimento de orfandade e vazio que ia dentro de sua alma, e acusou Deus de o ter abandonado:

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, porque me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco?[17]

O gradativo distanciamento da grande questão que divide a humanidade e define o nosso destino eterno — a crença ou descrença na existência de Deus — foi delineando pouco a pouco o rumo que tomou a poesia do autor de *Sentimento do Mundo:* Uma poesia de resignação e lucidez, de análise terrivelmente amarga, existencialista (o mais genuíno existencialismo à Jean Paul Sartre) da condição humana. Para Drummond, o homem é um ser órfão, entregue à sua própria sorte, e terá que viver por imposição ou teimosia:

O amor não nos explica. E nada basta,
nada é de natureza assim tão casta

que não macule ou perca a sua essência
ao contato furioso da existência.

Nem existir é mais que um exercício
de pesquisar da vida um vago indício,

a provar a nós mesmos que, vivendo,
estamos para doer, estamos doendo.
(O Relógio do Rosário, 1951)

JOSÉ É QUALQUER HOMEM DO MUNDO

Um dos pontos mais altos na poesia de Drummond é o poema *José:*

E agora, José?
A festa acabou
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

"E agora José" tornou-se a frase conotativa da situação de perplexidade e desespero em que subitamente mergulham os seres humanos que jamais tiveram um encontro pessoal de salvação com Aquele que disse: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mateus 11:28-30).

Além de ter sido um dos quatro maiores poetas da América Latina (só o nicaragüense Rubem Dario, o chileno Pablo Neru-da e o argentino Jorge Luis Borges tiveram envergadura literária tão grande como a sua), Drummond tornou-se o grande analista do ser humano que dispõe de inúmeros recursos modernos, mas de repente percebe que isto de nada lhe vale quando vem a angústia, quando, mesmo vivendo em uma cidade superpopulosa, a solidão e a tristeza são suas companheiras de sempre. José é o próprio Drummond, são todos os homens sem Jesus e esperança de salvação, perdidos nas pequenas e grandes cidades, distantes da graça de Deus:

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?
(José, 1942)

O poeta cresceu na sua poesia, ampliou seu horizonte temático, universalizou-se, mas sempre procurou manter-se afastado daquele que seria o Caminho, a Solução, a Porta de salvação para o seu José e para ele mesmo, Drummond: Jesus! Entre o poeta e Deus havia uma pedra no meio do caminho. Mas não foi Deus quem colocou essa pedra. Foi o próprio Drummond. E ele fazia questão de frisar que tudo estava muito bem assim:

Sinceramente, sou uma pessoa terrivelmente corajosa, porque não espero nada de coisa nenhuma. Não tenho religião, não tenho partido político. Vivo em paz com meu critério moral. Vivo em paz com a minha consciência.

SERENAMENTE FIEL A SUA INCREDULIDADE

Ao declarar isto à imprensa, já com 80 anos de idade, Drummond mostrou que durante todos aqueles anos permanecera o mesmo poeta que escrevera o poema *Coisa Miserável,* em 1934. Sua opinião sobre Deus permanecera a mesma:

Coisa miserável,
suspiro de angústia
enchendo o espaço,
vontade de chorar,
coisa miserável,
miserável.

Senhor, piedade de mim,
olhos misericordiosos
pousando nos meus,
braços divinos cingindo meu peito,
coisa miserável no pó sem consolo,
consolai-me.

Mas de nada vale gemer ou chorar,
de nada vale
erguer mãos e olhos
para um céu tão longe,
para um deus tão longe
ou, quem sabe?, para um céu vazio.

E melhor sorrir
(sorrir gravemente)
e ficar calado
e ficar fechado
entre duas paredes,
sem a mais leve cólera
ou humilhação.

No *Poema da Necessidade* (1940), Drummond reconhece: E preciso crer em Deus, mas resolveu manter-se fiel ao seu posicionamento agnóstico, ao seu triste estado de orfandade e resignação. Órfão de Deus, em toda a sua plenitude:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Por que o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.
Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
Es todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.
Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
preferiram (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.
(Os ombros suportam o mundo, 1940)

O POETA DIANTE DA MORTE

Drummond jamais aceitou o fato de sua filha, Maria Julieta, ter morrido antes dele. Achou que isso fora uma injustiça. Amava profundamente a filha — esse amor, a simples existência desse amor foi, durante todo o tempo, uma eloqüente prova da existência de Deus; mas essa prova resultou inútil ao coração do poeta —, e logo após o sepultamento de Maria Julieta, Drummond pediu à cardiologista que o tratava que lhe receitasse "um enfarte fulminante". Anos antes, eleja definira sua atitude diante da morte:

Aceito a idéia da morte. Como não tenho religião, não vou pedir a Deus para prolongar a minha vida, para me dar uma morte serena. Aceito a minha sorte. Não adiantaria ficar choramingando *quero viver, quero viver. Só* quero morrer tranqüilo comigo mesmo. Eu me desejo uma boa morte.

E foi em um completo estado de rejeição a Deus que o poeta partiu para a eternidade. Teve Drummond uma boa morte?

O ATEÍSMO NA FILOSOFIA EXISTÊNCIALISTA

Desde os tempos do filósofo francês Blaise Pascal (1623-1662): "O homem está condenado a fugir de si mesmo, porque assim escapa da miséria e do pensamento da morte", dizia Pascal —, um fluxo de pensamento carregado de pessimismo quanto à condição do ser humano no mundo e diante da vida passou a influenciar a humanidade. Eram as primeiras manifestações da filosofia existencialista, que teve como fundador o filósofo e escritor dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855). Tanto Pascal como Kierkegaard (este último, filho de pais luteranos) acreditavam na existência de Deus, e até se confessavam cristãos. Daí o motivo de distinguir-se hoje duas correntes na filosofia existencialista: o existencialismo cristão e o existencialismo ateu, cujo principal representante é o filosofo francês Jean Paul Sartre (1905-1980). Enquanto em suas profundas

análises da angústia, da solidão e do destino, Kier-kegaard coloca o homem diante de Deus e da eternidade, Sartre diz que o homem é "uma paixão inútil", está entregue à sua própria sorte, e é o único responsável pelo seu destino. "O homem será aquilo que ele houver resolvido ser", dizia Sartre.

Logo após o término da Segunda Guerra Mundial, o exis-tencialismo encontrou terreno fértil e propagou-se entre as pessoas desesperançadas e inimigas de Deus. Como campeão do ateísmo, Sartre foi o grande responsável por essa propagação. Para constatar isso, basta ler sua obra filosófica e literária, toda ela dirigida contra Deus. Os existencialistas afirmam que o homem está no mundo para nada. E um ser estupidamente destinado à morte, "uma paixão inútil", segundo a conhecida frase de Sartre. Eles não admitem sequer falar no nome de Deus, e não se ocupam em negá-lo de forma expressa; simplesmente o ignoram.

O existencialismo é, portanto, a mais radical posição de ateísmo existente atualmente no mundo, pois afirma que o homem está no mundo inutilmente, independente de tudo o que consiga realizar. Ele é incapaz de saber qual foi sua verdadeira origem, mas assim mesmo insiste em existir sem finalidade alguma, levando dentro de si o selo de uma maldição: o nada para onde voltará.

Afinal, por que os seres humanos negam a existência de Deus? Há razões para o ateísmo? Que posicionamento o evangélico deve assumir diante de pessoas que afirmam não crer na existência do Criador? E o que veremos no capítulo seguinte.

VOZ DE DEUS
Pereira d'Assunção

Homem, Eu sou aquele que habitou primeiro
Por sobre a vastidão dos revoltosos mares...
Sou Eu que bem sustento os pássaros nos ares...
Também sou Eu o autor deste Universo inteiro!

Não te aflijam na terra as dores e pesares.
Também sofreu meu Filho as dores do madeiro,
Sofreu, morreu na cruz, humilde qual cordeiro,
Oferecendo a ti, de luz, outros lidares...

Vem. Olha o manto azul do céu brilhante e belo.
Quanta fascinação encontrarás aqui!
Vem, vem que eu te darei venturas perenais.

Sem vacilar, despreza o teu viver singelo
E vem. Que doce paz eu te darei a ti,
Ouvindo em melodia os anjos divinais!

CAPÍTULO 7

POR QUE OS HOMENS NEGAM A EXISTÊNCIA DE DEUS

Milhões de pessoas hoje não estão interessadas em saber se Deus existe ou não, e jamais se preocupam em discutir o assunto. Em um mundo que tem exaltado a aquisição de bens materiais, supervalorizado a busca do prazer e a glória de si mesmo, vem-se tornando cada vez mais fácil muitos se esquecerem de Deus ou viverem como se ele não existisse. Porém, podemos demonstrar facilmente que a negação da existência de Deus põe em total desordem a vida. "A fé é mãe de todas as harmonias do mundo, mas os inimigos da fé são os pais de todas as confusões", disse o escritor inglês Gilbert Keith Chesterton (1874-1936).

Além do mais, ninguém está no Universo tão só quanto o ateu. "Ele chora com o coração órfão por ter perdido o Sublime Pai, junto ao imenso cadáver da Natureza, vegetando sempre no interior desse enorme túmulo. Ele chora até se separar desse 'cadáver', pela sua própria dissolução. Todo o Universo jaz diante dele como uma esfinge egípcia de pedra, assentada na areia, com a máscara férrea e fria da eternidade informe", escreveu um moderno teólogo.

A SOBERBA CONDUZ AO ATEÍSMO

Tem-se observado que, na maioria dos casos, ateus realmente sinceros no mais profundo de suas consciências, convencidos plenamente de seu ateísmo, dificilmente alguém os poderá apontar. O que existe são homens soberbos, com ares de superioridade, os lábios cheios de ironia, vaidosos de suas riquezas, posição na sociedade e dos seus conhecimentos. Crer na existência de Deus para eles significa dar uma demonstração pública de fraqueza, de dependência. O ateísmo se apresenta hoje como um movimento humanista radical. Muitos estão vendo Deus como um obstáculo ao progresso humano, e procuram afastar esse "obstáculo" do caminho da humanidade. Satanás os tem levado a pensar que, para eles justificarem suas próprias existências, e imprimirem valor e sentido à vida, têm de negar a Deus.

"Um ser qualquer não é independente a seus próprios olhos, senão quando ele se basta a si mesmo, e ele não se basta a si mesmo se deve sua existência a outrem, fora de si", escreveu soberbamente o filósofo Karl Marx. Muitos ateus modernos acusam o cristianismo de haver minimizado o homem, submetendo-o a Deus. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) chegou a afirmar que "provavelmente o homem irá se elevando cada vez mais alto a partir do momento em que deixar de se embalar em Deus."

NIETZSCHE E A MORTE DE DEUS

Aliás, foi Nietzsche que, no auge da soberba e da blasfêmia, no seu livro *Assim Falou Zaratustra,* colocou nos lábios de Zaratustra a seguinte afirmação: "O vosso Deus jorrou sangue sobre o meu punhal... Deus está morto; agora nós queremos que o Super-homem viva." Em outro de seus livros, A *Gaia Ciência,* Nietzsche colocou na boca de um louco as seguintes palavras, consideradas marco inicial da chamada 'Teologia da morte de Deus":

Nós o matamos, vocês e eu! Somos os assassinos de Deus! E como foi que fizemos isso? Como pudemos beber todo esse mar? Quem nos deu a esponja para apagar todo o horizonte? (...) Não estaremos perdidos dentro do vazio infinito que

faz a sua respiração chegar até nós? Por acaso não esta mais frio agora? Não são as noites cada vez mais escuras? Não temos necessidade de acender de manhã nossos lampiões? Por acaso não ouvimos o barulho que os coveiros fazem ao sepultar Deus? (...) Deus morreu! Deus está morto! Fomos nós que o matamos! Assassinos mortais que somos, como nos poderemos consolar? Com a nossa faca ferimos o que houve de mais sagrado e poderoso no mundo. Quem nos limpará desse sangue? Em que água nos lavaremos? (...) Ao ser expulso dos templos, o louco dizia: Para que servem agora estas igrejas, senão para serem o túmulo e o monumento de Deus?...[2]

Tendo sido também autor do livro O *Anticristo,* sabe-se que Nietzsche passou os últimos dez anos de sua vida sob o peso de imensos remorsos, sofrendo constantes crises de desespero. A inteligência que tanto blasfemara contra Deus mergulhou nas trevas da loucura. Nietzsche morreu louco. Sim, pois Deus "olha para todo soberbo e humilha-o, e esmaga os ímpios no seu lugar" (Jó 40:12).

'Porque o dia do Senhor dos Exércitos será contra todo soberbo e altivo, e contra todo o que se exalta, para que seja abatido" (Isaías 2:12).

O HOMEM QUER SER SUPERIOR A DEUS

O mesmo sentimento de soberba responsável pela queda de Lúcifer diante de Deus é o que tem impulsionado a maioria dos indivíduos que se confessam ateus. Outro filósofo alemão, Dietrich Kerler, escrevendo a seu amigo Max Schueler (1874-1928), afirmou: "Mesmo que se pudesse demonstrar matematicamente que Deus existe, não quero que exista porque me limitaria na minha grandeza.' É o pecado da auto-suficiência, do orgulho satânico com o qual o Inimigo da humanidade continua a perverter os seres humanos. "Se houvesse um Deus, seria o homem aniquilado, como essência ética, e como pessoa", dizem hoje indivíduos com a mentalidade ateística como a de Nicolau Hartman (1882-1950).

A irreverência e a rebeldia têm brotado no coração de milhões de seres humanos, levando-os a tentar "expulsar" Deus do meio da humanidade e do universo. São os ateus militantes, coisa inédita na história humana. Essas pessoas não só professam o ateísmo, mas promovem também o antiteísmo, ensinado hoje tecnicamente em universidades especializadas. Deus, além de negado, está sendo combatido. E o resultado de tudo isso é a atual crise universal, a mais espantosa de todas elas. Quando os homens resolvem desconhecer a Deus, passam a viver fora da obediência às suas leis. E, como conseqüência, as colunas que sustentam a vida desabam, e passam a prevalecer então a anarquia, a violência, a devassidão e o egoísmo.

Soberbos como o político italiano León Gambetta chegam a dizer: "O nosso mundo entende depender somente do direito humano e quer chegar à emancipação e glorificação da pessoa humana.' Em plena Câmara Francesa, em Paris, o político francês Jaurês afirmou: "Se o próprio Deus se levantasse diante da multidão em forma palpável, o primeiro dever do homem seria de lhe recusar obediência.' Escrevendo ao poeta Paul Claudel, outro escritor francês apresentou mais uma prova de que o verdadeiro responsável pelo movimento mundial de negação da existência de Deus é o mais antigo de todos os soberbos, Satanás: "Há incompatibilidade entre mim e Deus, porque sou um orgulhoso."

NÃO SE ESFORÇARAM NA BUSCA DAVERDADE

Todavia, o filósofo inglês Francis Bacon afirmou que o ateísmo está, na maioria dos casos, mais na boca do que no coração daqueles que se dizem ateus.

Algumas vezes, o que leva mesmo muitos estudiosos a assumirem uma posição de desconhecimento da existência de Deus é o fato de, não avançando nos seus estudos e pesquisas como deveriam, e achando que já atingiram o mais alto grau de conhecimento que poderiam alcançar, eles se ensoberbecem nos seus "esforços" para encontrar a verdade, sem saber que ficaram muito aquém do verdadeiro caminho que os conduziria a ela, e que ela mesma é Jesus Cristo.

Outros têm suas almas paralisadas e incapazes de se erguerem às alturas da fé, por serem indiferentes quanto ao que diz respeito a Deus e à salvação. A maioria dos incrédulos nunca se interessou sinceramente pelos "assuntos do Alto", e é nessa ignorância proposital que eles tentam encontrar defesa para sua incredulidade. "Que é a verdade?" perguntam muitos deles desdenhosamente, com aparência de quem tem sondado e meditado tudo. E à semelhança de Pôncio Pilatos, retiram-se sem esperar pela resposta. Tornam-se indiferentes à mensagem cristã, esforçando-se para dar a impressão que essa atitude é fruto de profundas investigações, e "esforçadas" buscas frustradas, o que não é verdade.

Tais pessoas, conforme já as descreveu o filósofo francês Blaise Pascal, após empregarem algumas horas na leitura de algum livro da Bíblia, ou terem conversado com algum evangélico, alegam depois ter feito os "maiores esforços" para superarem as dificuldades que (segundo afirmam) existem na estrada que as conduziria à fé e à salvação. Depois disso, saem dizendo por aí que em vão procuraram em todos os livros e junto aos homens, mas não conseguiram encontrar qualquer fundamento ou caminho que os conduzisse à fé. Tal atitude é fruto da mentira e da soberba.

Não é de admirar que o indiferentismo desses Pilatos de hoje tenha sido o primeiro inimigo que o cristianismo encontrou ao iniciar sua marcha triunfal pelo mundo. Para muitos seria até vergonhoso prestar atenção no conteúdo da mensagem evangélica. Tal foi a atitude dos filósofos gregos que responderam a Paulo com indiferença no Areópago: "... A respeito disso te ouviremos noutra ocasião" (Atos 17:32) e do governador romano Festo, que zombou do apóstolo, dizendo-lhe que as muitas letras o faziam delirar: "A esta altura, Festo interrompeu a defesa de Paulo, clamando: Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar" (Atos 26:24). Diante desse indiferentismo — um mal que cresce hoje cada vez mais —, o advogado romano convertido ao cristianismo no início do século III, Tertuliano, dizia: "Nós só pedimos uma coisa: que não nos condenem sem antes nos ouvir.'

A INDIFERENÇA CONDUZ AO ATEÍSMO

O escritor francês Lamennais (1782-1854), no seu livro *Ensaio Sobre a Indiferença,* descreveu com certa ironia os homens que se acham muito superiores em seus estudos, a ponto de lhes ser indiferente o fato de Deus existir ou não:

Passam a sua vida comparando palavras, investigando as relações dos números e as propriedades da matéria; para satisfazer esses 'grandes espíritos', nada mais se torna necessário. Que dizes tu a esse sábio acerca de Deus, cujo nome enche a terra? Não vês como ele está preocupado na descoberta de um ácido que a análise química ainda não tinha encontrado? Espera até que ele haja terminado a sua descoberta; talvez depois lhe possas dizer alguma palavra a respeito daquele que criou o ácido! Outro trabalha numa poesia, numa peça, ou num romance, que fará a sua glória. Pára; não o interrompas porque ele tem pressa, a morte avizinha-se, e que perda irreparável seria para a humanidade se ele não pudesse concluir a sua obra! E verdade que ignora que Deus é quem lhe

dá inspiração. Ignora a posição que ocupa, nem sabe o que deve esperar ou temer, se existe Deus, se há uma religião verdadeira, se existe céu ou inferno; ignora tudo isto, e suas ações são como se tudo fosse apenas um sonho!

Pode-se dizer que tais homens estão mortos. Cheios de orgulho, contemplam-se do alto dos seus conhecimentos, fixam-se friamente no seu egoísmo, preferindo viver sob o pálido clarão da sua curta inteligência, e rejeitando a brilhante luz da Palavra de Deus, onde encontrariam a Verdade.

EXISTE DIFERENÇA ENTRE O INCRÉDULO E O ATEU?

O ateu, aquele que nega a existência de Deus, não deve ser confundido com o incrédulo — aquele que não reconhece nem a autoridade da Bíblia, nem a divindade de Jesus e sua condição de Salvador da humanidade, apesar de acreditar na existência de Deus. Porém, além do ateu e do incrédulo, há um terceiro tipo de pessoa: o indiferente, para quem Deus e os demais assuntos que dizem respeito à salvação não lhe interessam. Para ele não faz nenhuma diferença o fato desses assuntos serem verdadeiros ou falsos, reais ou irreais.

Além disso, um bom número de evangélicos acredita que o ateísmo professado por muitas pessoas seja tão-somente uma máscara que as permite fazer o que bem entenderem, sem nenhum remorso ou reprovação moral. Porém, devemos atentar para o fato de que ser ateu nem sempre significa ser libertino. Será um grave erro tentarmos evangelizar ateus fundamentados no falso conceito de que todos eles vivem afundados na imoralidade.

Por sua vez, devido à negligência na formação e solidificação de sua fé; devido às más apresentações da doutrina bíblica e as deficiências na sua vida moral e social, o crente muitas vezes contribui, através desses maus testemunhos, para o fortalecimento do ateísmo. Essas coisas concorrem muito mais para ocultar o rosto de Deus do que para dar provas de sua existência ao mundo.

O SOFRIMENTO HUMANO NA ORIGEM DO ATEÍSMO

A maior parte das pessoas que se posicionam como contrárias à crença na existência de Deus apoiam esse posicionamento em perspectivas falsas que as fazem ver o universo fragmentariamente, e não segundo a ordem e o fim global em que ele se move sob a ação de Deus. As causas de pranto e de dor, os infortúnios e as tragédias da existência humana aparecem como enigmas inexplicáveis e motivos de ímpio ceticismo para os que olham a brevidade dos passos humanos sobre a face da terra, e perdem de vista a ordem universal em que o homem está inserido.

Agostinho, atormentado pelo problema do mal e do sofrimento humano ("De que se queixa o homem vivente? Queixe-se cada um dos seus pecados", Lamentações 3:39), depois de haver encontrado na mensagem de Jesus Cristo a luz e a paz procuradas em vão em outros lugares, nos previne que quem se perde em olhares e contemplações individuais, terrenas e fragmentárias, desesperará de alcançar qualquer satisfação no imenso mistério da vida humana e do universo, que obedecem a um grandioso plano divino. Esse mistério de Deus envolve toda a realidade material e espiritual, temporal e eterna, e assinala a trajetória precisa e infalível do ser humano no mundo.

A dificuldade de muitos acreditarem na existência de Deus por verem o sofrimento humano, foi muito bem expressada pelo poeta brasileiro Ronald de Carvalho (1893-1935):

Diante da eterna dor, do mal insano, Não é muito a ventura prometida; Não

é muito uma vida além da vida, Onde será divino o ser humano!

Dentro da sanha desse amargo oceano De miséria contínua, repetida, Cada ilusão recorda uma ferida, Cada alegria traz um desengano...

Por que, meu Deus, essa tortura imensa,
Essa noite profunda de descrença
Em que as almas se agitam, com pavor?
Por que, Senhor, tanta revolta obscura,
Nessa infeliz, humílima criatura,
Que tem medo de crer no seu Criador?[10]

Diante dos efeitos do pecado no mundo, o homem deve considerar que Deus, em sua infinita bondade e sabedoria, para apagar de diante de si a ofensa do primeiro homem, decretou a Encarnação do seu Filho Jesus Cristo. Ele é o Redentor do gênero humano e o restaurador do plano divino sobre o destino do homem: "Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens porque todos pecaram (...) Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque se pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foi abundante sobre muitos" (Romanos 5:12, 15. ARA).

DEUS EXISTE: NÓS O ENCONTRAMOS!

Apesar de o ateísmo se constituir em uma terrível realidade de nossa época, imposto durante dezenas de anos de cima para baixo como "religião do Estado" pela ex-União Soviética e por muitos outros países de regime marxista, a fé em Deus continua sendo igualmente um fato poderoso, que abrange o mundo e proclama a existência e a soberania de Deus sobre a vida de um número cada vez maior de seres humanos. "Deus existe!" é a grande afirmação ecoando poderosamente nas consciências e nos corações de milhões de pessoas que, declaradamente ou em oculto, rendem adoração ao Criador do Universo!

Em nossas atividades como apologistas (defensores) do cristianismo, devemos mostrar aos ateus que, ao contrário do que o diabo tem colocado em suas mentes, o fato de Deus existir de maneira alguma entra em choque com a liberdade necessária ao progresso humano, pois o Filho de Deus veio ao mundo para levar o homem a conhecer a verdadeira liberdade: "Se pois o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (João 8:36). Liberdade e vida: eis o que Deus nos enviou através de Seu Filho Jesus Cristo: "... eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (João 10:10).

Os ateus devem saber que o Deus de quem eles negam a existência não é o verdadeiro Deus, aquele a quem nós adoramos e servimos. É uma falsa imagem, uma caricatura dele. Aquele que se revelou "com poder e grande glória" na Criação, na consciência coletiva e individual dos povos, e nas Sagradas Escrituras, aquele que resplandece com luz penetrante e viva nos ensinamentos e na pessoa de Jesus Cristo — este é o nosso Deus. Ele é aquele que, tendo vindo para o meio dos homens, "a si mesmo se esvaziou, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens..." (Filipenses 2:7).

Ele é o Criador, a quem pertencem a glória e o domínio de todas as coisas "pelos séculos dos séculos" (1 Pedro 4:11), mas por amor de nós e para nos salvar dos nossos pecados, "humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz" (Filipenses 2:8). Este Deus revelado em Jesus Cristo, longe de destruir a liberdade do homem, antes a fundamenta e a completa. Deus existe, e a fé nele e em Jesus Cristo oferece para os problemas humanos respostas

incomparavelmente superiores às do ateísmo.

Vejamos, a seguir, as grandes descobertas que filósofos e teólogos fizeram sobre Deus. Maravilhemo-nos diante dos testemunhos desses homens; que suas palavras soem como música magistral e solene, em reconhecimento e glória da existência e soberania do Criador...

INTIMIDADE COM DEUS

Renato Travassos

Enfim: esteja o mundo em paz ou em guerra,
E seja dia lindo ou noite agreste;
Haja mágoa ou prazer, saúde ou peste,
A Tua sombra imensa não me aterra!

Louvado sejas sempre, ó Pai celeste,
Por tudo, belo ou não, que houver na Terra!
Toda a sabedoria em Ti se encerra,
E um pouco de mistério a tudo deste!

Louvado sejas! Que a criatura,
Enquanto, em gozo ou dor, se transfigura
E morre, saiba, enfim, se chora ou ri...

Feliz de quem do mundo vil se olvida
E quer a morte, para, noutra vida,
Ficar eternamente ao pé de Ti!

CAPÍTULO 8
DEUS, SEGUNDO FILÓSOFOS E TEÓLOGOS

SÁBIOS RECONHECEM: DEUS EXISTE!

Ao contrário do que muitos ateus pensam, as maiores inteligências que o mundo já viu, os gênios que deixaram as marcas mais profundas de sua passagem sobre a face da terra, reconheceram a existência de Deus. Conforme comentou um apologista cristão, "estas frontes iluminadas pelos esplendores do gênio, aureoladas pelas glórias do saber, consagradas e abençoadas pela memória dos homens, curvaram-se humildes e reverentes ante o nome de Deus."

Apesar de a maioria desses homens jamais ter alcançado o pleno conhecimento da verdade (pois suas mentes não foram banhadas na fé e na graça daquele que lhes daria a completa revelação de Deus — Jesus Cristo), eles viveram como que na penumbra, interrogando e buscando sempre. O interessante é que todas as investigações feitas na vida desses grandes homens, desses cérebros privilegiados que estudaram pacientemente os segredos da natureza, descobriram suas leis e construíram o colossal edifício da ciência moderna, todas as investigações feitas em suas vidas, repito, revelam que quase todos eles creram na existência de Deus.

Com muita razão, o filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626) observou que "pouca ciência afasta o homem de Deus, porém muita ciência a Deus o conduz". Consideremos o período da história humana em que a filosofia atingiu o seu esplendor. Entre os gregos, precisamente em Atenas, existiu um filósofo pagão, cuja agudeza de raciocínio e método de ensinar filosofia aos seus alunos o colocou entre os mais profundos pensadores de todos os tempos: Sócrates. Já comentamos, no capítulo seis deste livro, que por não ter concordado com a crença politeísta dos gregos, Sócrates foi julgado e condenado à morte. (Aliás, este foi um dos motivos de sua condenação). Mas eis o que esse pensador declarou sobre Deus:

Acredito na existência de um só Deus todo-poderoso, dotado de sabedoria e bondade absolutas, provadas com a sublime harmonia do universo e com a maravilhosa organização do corpo humano. Relativamente à fé na existência de Deus, há nos diversos povos um acordo unânime que faz a humanidade como que uma só família. A fé religiosa é anterior a toda civilização; os viajantes não descobrem povo algum sem lhe reconhecerem pelos menos um culto grosseiro; a história vê por toda parte Deus associado geralmente tanto às alegrias como às lágrimas da humanidade. Esta crença, quaisquer que sejam os erros que a tenham obscurecido, longe de favorecer em si mesma as paixões, combate-as; só pode ter, portanto, como origem, os princípios que o próprio Deus gravou no espírito humano.

Isto foi dito por um filósofo pagão! Foi diante de posicionamentos como este que o filósofo cristão Clemente de Alexandria chegou a declarar que a filosofia dos gregos não continha toda a verdade, "mas em todo caso era um fragmento da verdade eterna". Além de Sócrates, dois outros filósofos tornaram a filosofia grega digna das palavras elogiosas de Clemente. Seus nomes: Platão (429-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.)

PLATÃO TATEIA NAS TREVAS EM BUSCA DE DEUS

De todos os homens que falaram sobre Deus antes da Era Cristã, Platão foi

o maior. O orador e teólogo francês Bossuet chamava-o de "divino", e outros teólogos chegaram a compará-lo a Moisés. "Era Moisés escrevendo em grego", diziam, cheios de admiração diante das obras desse célebre filósofo.

Nascido em Atenas, Platão, ainda bem moço, tornou-se aluno de Sócrates, e foi sob a influência e os ensinamentos desse conhecido pensador grego que ele se tornou filósofo, criando, entre outras coisas, o Idealismo — sistema das idéias, onde a mais importante de todas elas é a idéia de Deus. Para nós, apologistas (defensores) do Cristianismo, é muitissimamente importante sabermos o que a genialidade de Platão descobriu sobre o Criador do universo. Comparando a verdade à luz, e Deus ao próprio sol (séculos mais tarde, o escultor e pintor italiano Miguel Ângelo escreveria: "O sol é a sombra de Deus"), Platão declara:

Se tu abres os olhos, vês a luz, mas o teu olhar seguinte eleva-se para cima, para a origem de onde toda a luz é oriunda, para o sol; e quando os olhos do espírito se abrem, vê-se a verdade; mas o segundo olhar volta-se para onde dimana toda a verdade, para o sol dos espíritos, para Deus.

Platão costumava afirmar que existe na alma um ponto central, uma região onde Deus se manifesta ao ser humano "tocando-o neste ponto e suspendendo-o a ele". A isto Platão chamava 'Voz da consciência" ou "lei natural gravada no coração". Ele também dizia que todos os homens deveriam esforçar-se para corrigir em si, mediante a contemplação da harmonia do Todo, "esses movimentos pessoais e desordenados que a natureza humana semeou no foco de nossa alma ao sermos gerados, a fim de que o contemplador recobre sua primeira natureza e, através dessa semelhança divina, torne-se apto a possuir finalmente a vida perfeita que Deus oferece aos homens para o tempo presente e para a eternidade".

Ora, não são perfeitamente visíveis, nas palavras desse filósofo pagão, a doutrina do pecado original e a necessidade de o homem experimentar a regeneração e voltar ao seu antigo bom relacionamento com Deus? Se o mundo no tempo de Platão estava mergulhado no pecado, e a humanidade (com exceção da Nação escolhida) procurava conviver pacificamente com a idolatria e a corrupção moral, o que teria levado o aluno de Sócrates a detectar entre os seus contemporâneos, quase 500 anos antes do nascimento do nosso Salvador Jesus Cristo, a necessidade de regeneração, a não ser o Deus da justiça, da pureza e da verdade? "Filosofar é amar a Deus", reconhece o grande filósofo.

ARISTÓTELES: DEUS É O MOTOR QUE MOVE O MUNDO

Nascido em Estagira, Grécia, em 384 a.C, Aristóteles é o terceiro grande nome da filosofia paga. Mudando-se para Atenas aos 18 anos de idade, começou a freqüentar a escola de Platão, com quem aprendeu filosofia durante 20 anos. Mais tarde tornou-se professor de Alexandre o Grande, e fundou sua própria escola. Suas idéias sobre Deus marcaram profundamente o pensamento dos teólogos cristãos, surgidos cinco séculos após sua morte. O gigantesco edifício de ciência e cultura criado por Aristóteles permanece nos séculos e milênios como um monumento imperecível do seu potente gênio.

Para provar a existência de Deus, Aristóteles criou o argumento do motor. Diz ele que tudo o que está em movimento é movido por outra coisa. Tomemos o Sol como exemplo. Ele está em movimento; portanto, outra coisa o movimenta. Essa coisa que move o Sol, ou está também em movimento ou está imóvel. Se está imóvel, o argumento de Aristóteles fica demonstrado, ou seja: que é necessário afirmar a existência de algo que tudo move e que não é movido por nada: Deus! Porém, se o que move o Sol está também em movimento, isto

significa que ele está sendo movido também por outra força. Aristóteles mostra que é impossível continuarmos recuando até o infinito. Faz-se, portanto, necessário afirmar a existência do causador de todos esses movimentos, que não é outra pessoa senão Deus. Ele é o motor que movimenta tudo!

Alguém já comentou que se há alguma verdade no ensino dos filósofos e dos cientistas, deve ela vir do próprio Deus da verdade. Esse comentário está de acordo com o que Aristóteles pensava sobre Deus. No seu livro *Metafísica,* Aristóteles admite a existência de um Deus distinto do mundo, um Deus vivo, onipotente, Causa Primeira, motor imóvel (que move tudo e não é movido por nada fora de si mesmo), vivente eterno e perfeito; um Deus que é soberano, infinitamente inteligente, invisível em si mesmo, mas visível em suas obras, que a tudo governa por sua ação e por sua Providência, como um general governa um exército. Um Deus justo que castiga o homem livre e violador de sua lei imutável, e recompensa com a felicidade, agora e no porvir, aos que se unem à justiça.

Falando dessa maneira sobre Deus, Aristóteles confirma aqui perfeitamente a frase de Platão: "Todos os sábios não têm mais que uma voz." Há uma filosofia universal, uma sabedoria

natural e comum; ela é a mesma em todos os homens dóceis à luz da razão; é ela que os conduz ao reconhecimento da existência de Deus. Todos os pensadores de primeira ordem chegam à esta conclusão: Deus existe. Porém, hoje vivemos no século do ateísmo. Milhões de seres humanos vivem separados da fé universal na existência de Deus: são como "estrelas errantes, para as quais tem sido eternamente reservada a escuridão das trevas" (Judas v.13).

Vimos, até aqui, que os três maiores pensadores da filosofia grega (e, podemos dizer, de toda a filosofia paga antes do advento do cristianismo), reconheceram a existência de Deus, apesar de não terem obtido o conhecimento de sua essência, conforme o próprio Deus revelou a Moisés no monte Horebe (Êxodo 3:14). Porém, todos os grandes gênios da humanidade sofreram a influência de uma espécie de iluminação natural acerca da existência de Deus. Através da imensa capacidade de raciocínio de que foram dotados (a chamada *razão humana),* eles conseguiram obter sólidas provas da existência do criador.

Fica evidenciado deste modo que, através do trabalho da mente humana (fazendo-se uso da razão, portanto), o homem çode descobrir pelo menos uma parte da verdade sobre Deus. É o que se chama "conhecimento natural". Porém, esse conhecimento é incompleto. Foi necessário que Deus se revelasse à humanidade através de sua Palavra para que todos pudessem conhecê-lo. Essa revelação alcançou a sua plenitude no seu Filho Jesus Cristo. Devemos considerar também o fato de que o "conhecimento natural" que o ser humano pode obter de Deus é insuficiente para levá-lo ao reconhecimento da necessidade de ele ser alcançado pela salvação proporcionada por Jesus Cristo. *Admitir a existência de Deus não é a mesma coisa que reconhecer a necessidade de salvação.* Foi o que faltou a todos os homens que alcançaram um conhecimento natural da existência do Criador, sem terem passado a caminhar, a partir de então, através da fé. É nesse aspecto que podemos constatar a grande diferença entre os filósofos pagãos e os teólogos.

TEÓLOGOS FALAM SOBRE DEUS

Se quiséssemos enumerar todos os teólogos que dedicaram seu tempo e sua vida na busca de um conhecimento maior acerca de Deus, seria necessário escrevermos vários livros. Na verdade, cada teólogo tem sido um filósofo a serviço do pensamento cristão. Imaginemos uma reunião desses homens, onde cada um

deles expusesse suas descobertas acerca de Deus. O que ouviríamos? Para reproduzirmos a voz de alguns desses mais antigos teólogos, cujas palavras acerca do Criador foram proferidas dezenas e centenas de anos após a morte do apóstolo Paulo, tomaremos como base alguns dos livros escritos por eles, mas sobretudo a excelente *História da Filosofia Cristã,* escrita por Philotheus Boehner e Etienne Gilson.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA

O mais antigo desses teólogos é Clemente de Alexandria (150-217 d.C), nascido em Atenas, filho de pais gentios, e convertido ao cristianismo ainda jovem. Ele ensinava que "é impossível qualquer conhecimento sem a fé. Esta é o fundamento da verdade". Clemente insistia muito com os cristãos de sua época para que eles procurassem, através da busca constante do conhecimento, fortalecer cada vez mais a fé. "A medida em que vamos crescendo na graça, devemos empenhar-nos por obter um conhecimento sempre mais perfeito de Deus". Sua contribuição a esse conhecimento está resumida nestas palavras:

Não sabemos o que Deus é; podemos saber, contudo, o que ele não é. E impossível conhecê-lo por meio de argumentos baseados em princípios inferiores a ele; pois Deus não tem causa, senão que, ao contrário, ele próprio é a razão e a causa de todas as outras coisas. Não foi sem razão que Paulo pregou, em Atenas, o 'Deus desconhecido', pois a sua essência permanece incognoscível (não pode ser conhecida) à razão natural.[4]

ORÍGENES

Filho de Leônidas, que morreu como um dos mártires do Cristianismo, Orígenes nasceu no Egito no ano 185. Foi um dos maiores teólogos da Igreja Primitiva, tão apaixonado pelo estudo e divulgação da teologia, que chegou a castrar-se, num excesso de zelo pela utilização de todo o seu tempo nesses estudos.

Para Orígenes era impossível existir vários deuses, pois a harmonia do universo é a grande prova de que só um Arquiteto todo-poderoso poderia criá-la e mantê-la. "E impossível que a unidade e a ordem cósmicas se originem de uma multidão de espíritos, ou dos supostos deuses das esferas". Ele insistia também em mostrar que "Deus é inacessível a todo entendimento humano", havendo, porém, um meio de o homem natural obter provas de sua existência: através da observação do universo e das criaturas. Eis como, resumidamente, Orígenes conceitua Deus:

Deus é Espírito, mas está ainda mais além do espírito; é o Pai da Verdade, mas é mais que a verdade, e maior do que ela; é o Pai da sabedoria, mas é melhor que a sabedoria. Deus é Vida, mas é maior que a vida. Deus é ser, mas está além do ser.[5]

GREGÓRIO NAZIANZENO

Nasceu no ano 330, próximo à cidade de Nazianzo. Assim como Orígenes, Gregório também afirmou que a Criação é a maior testemunha da existência de um Criador. Seu pensamento pode ser resumido nos seguintes termos:

"Um simples olhar para a Criação nos convencerá de que não é nela mesma, e sim em algo transcendente que devemos buscar-lhe a razão de ser. Quem é o autor desta ordem determinada e concreta que reina nos corpos celes-tes e terrestre, bem como em todos os seres que povoam os ares e as águas? O acaso? Não. E Deus!"[6]

AGOSTINHO E SUA GRANDIOSA BUSCA DE DEUS

Enfoquemos agora o pensamento do grande teólogo da Igreja Primitiva. Aurélio Agostinho nasceu em Tagaste, na Numídia, país da África, em 354. Foi um dos maiores gênios da teologia e filosofia cristãs de todos os tempos. Sua herança literária compõe-se de 1.030 obras, entre tratados, sermões e cartas. O conceito fundamental da existência de Deus pareceu a Agostinho tão fácil e evidente que o ateísmo deveria ser considerado loucura de poucas pessoas, devido mais à corrupção do coração do que a uma verdadeira convicção do espírito.

Logo após sua conversão ao cristianismo, Agostinho declarou que estava decidido a pesquisar com todo o empenho os mistérios de Deus: "Estou decidido a possuir a Verdade não só pela fé, senão também pela inteligência." Lendo e meditando profundamente as Escrituras Sagradas, Agostinho teceu riquíssimos comentários sobre as dificuldades que o espírito humano encontra em sua marcha até Deus.

Comentou o grande teólogo que em nosso estado presente, nossos olhos físicos não estão organizados para contemplar o sol visível, porém só para olhar o mundo sob a luz desse sol. Os olhos não suportarão olhar a fonte da luz e sim os objetos iluminados pelos raios dessa fonte. Este fato está cheio de uma profunda significação. Ocorre o mesmo com a nossa alma. No estado natural do homem, nesse estado em que nascemos, nossa alma não é capaz de ver a Deus tal qual ele é pessoalmente, mas é capaz de contemplar a luz que ele lança sobre a alma e sobre o Universo. Para ver a Deus é necessário, portanto, uma mudança de natureza. Baseando seus argumentos no capítulo três do Evangelho de João, Agostinho mostra que esse nascer de novo — condição indispensável para se ver a Deus — o homem não pode dar-se a si mesmo; só Deus que o criou.

"Como conhecer a Deus?" — pergunta Agostinho. "Qual é o itinerário da razão desde a cegueira e a ignorância em que nascemos, até a visão de Deus? Embora caído, o ser humano não está definitivamente separado da fonte eterna. Deus abriu-lhe uma porta de regresso a ele mesmo: Jesus Cristo. Todos, consciente ou inconscientemente, buscam esse reencontro com Deus."[7]

No seu livro *Confissões,* Agostinho relata sua própria experiência, quando ele ardentemente buscava ter um encontro com o seu Criador: "Será possível, Senhor meu Deus, que se oculte em mim alguma coisa que vos possa conter?", — perguntava ele, tateando nas trevas. Para Agostinho, o mundo visível era um degrau, um ponto de apoio que o ajudava a elevar-se mais:

Subirei mais alto ainda que essa força existente em mim, e a tomarei como um degrau para subir Àquele que me criou. Vejamos até onde pode ir a razão elevando-se do visível ao invisível, do passageiro ao eterno. Não contemplarei em vão toda essa beleza do céu, o curso regular dos astros... Não os contemplarei para excitar uma inútil curiosidade, senão que me servirei deles como de degraus para elevar-me ao Imortal, ao Imutável.[9]

Para Agostinho, as maravilhas na terra e nos céus realmente testemunhavam a glória e a existência de Deus, e eram como uma escada que o fazia subir ao reconhecimento da existência do Criador.

As palavras com que esse grande pesquisador dos mistérios de Deus registrou o esforço de sua busca são dignas de ser reproduzidas aqui:

Quando eu busco a meu Deus, não busco forma de corpo, nem formosura transitória, nem brancura de luz, nem melodia de canto, nem perfume de flores, nem ungüentos aromáticos, nem mel, nem maná deleitável ao paladar, nem outra

coisa que possa ser tocada ou abraçada; nada disso busco, quando busco a meu Deus. Porém, acima de tudo isto, quando busco a meu Deus, busco uma luz sobre toda luz, que os olhos não vêem, e uma voz sobre toda voz, que os ouvidos não ouvem, e um perfume sobre todo perfume, que o nariz não sente, e uma doçura sobre toda doçura, que o paladar não conhece, e um abraço sobre todos os abraços, que o tato não alcança, porque esta luz resplandece onde não há lugar, e esta voz soa onde o ar não a leva, e este perfume é sentido onde o vento não derrama, e este sabor deleita onde não há paladar, e este abraço é recebido onde nunca será desfeito. 10

ANSELMO: É IMPOSSIVEL PENSARMOS EM ALGUÉM MAIOR QUE DEUS

Anselmo de Cantuária (1033-1109) é, depois de Agostinho, o teólogo que mais conseguiu acrescentar algo de considerável ao conhecimento que os demais teólogos, através de suas meditações, tinham conseguido sobre Deus. Anselmo era italiano. Como teólogo e filósofo cristão, ele tornou-se famoso ao escrever dois livros: o *Monológio* e o *Proslógio,* onde tenta demonstrar a existência de Deus sem recorrer à autoridade das Sagradas

Escrituras, com o intuito de provar que existem também evidências extra-bíblicas da existência do Criador.

E no *Proslógio* que Anselmo chega à seguinte conclusão:

Tenho dentro de mim a idéia de um Ser tal que não se pode imaginar nada maior, isto é, um Ser infinito; logo, esse Ser existe, pois eu o vejo em certo sentido, desde o momento em que penso nele. O que está na realidade, além de estar no pensamento, é mais perfeito que o que só está no pensamento: portanto, Deus é real, porque se não existisse, não seria tal que não se pode pensar em outro maior.[11]

Esta famosa prova da existência de Deus passou a ser conhecida como *argumento ontológico.*

TOMÁS DE AQUINO: A FÉ E A RAZÃO — DOIS CAMINHOS PARA DEUS

Neste admirável concerto de vozes ilustres que nos ensinam que é possível obterem-se provas da existência de Deus através da razão, destaca-se Tomás de Aquino. O que disse sobre a existência de Deus esse teólogo italiano, nascido em 1225, é digno de ser conhecido por todos nós, apologistas do cristianismo.

Aquino afirmou que os meios de se conhecer a Deus são dados aos seres humanos em todos os lugares e sempre, em nós e fora de nós. Em nós, o próprio Deus nos ilumina através da fé; fora de nós, ele nos ilumina também, dando-nos um livro que é sua obra, o mundo. Por que os homens não lêem esse livro? Seus pecados os impedem; este é o obstáculo real, diz Aquino. O homem é um ser pensante; através de sua capacidade de raciocinar (que nos distingue dos animais irracionais), através da simples observação da natureza, ele se depara com provas da existência de Deus. Portanto, tanto a fé como a razão conduzem o homem ao reconhecimento da existência do Criador. Porém, "os olhos da alma, enfermos pelo pecado, não podem fixar essa Luz sublime se não forem purificados pela justiça da fé".[12]

Usando a luz como ilustração para exemplificar como a razão e a fé conduzem o ser humano ao conhecimento da existência de Deus, Aquino diz que durante nossa viagem terrestre, a luz do sol brilha sobre nós de duas maneiras: Algumas vezes, como uma débil claridade: é a luz da nossa inteligência natural; é uma partícula da luz eterna, porém distanciada, defeituosa, comparável a uma

sombra com um pouco de luz. Outras vezes a luz brilha em um grau mais alto, com uma claridade mais abundante, e nos põe como que em presença do próprio sol. Nessa ocasião nosso olhar estará deslumbrado, porque contempla o que está acima de nós, acima dos sentidos humanos — essa é a luz da fé.

Comentando 1 Coríntios 13:12: "Porque agora vemos em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como sou conhecido" (ARA), Aquino diz que para o homem natural, a criação inteira é um espelho. "A ordem, a beleza, a grandeza que Deus espalhou sobre suas obras nos fazem conhecer sua sabedoria, sua verdade e sua divina infinitude. Esse é o conhecimento que se tem chamado *visão em um espelho."* O que é, portanto, a visão face a face? Aquino responde:

Quando vemos em um espelho, não vemos a própria coisa, senão sua imagem. Mas quando vemos face a face, vemos a própria coisa tal como ela é. Quando o apóstolo diz que na Pátria veremos a Deus face a face, quer dizer que veremos a essência de Deus. Do mesmo modo como Deus conhece a minha essência, conhecerei também a Deus em sua essência.[1]

Poderíamos citar aqui a frase de Platão a respeito da semelhança de conclusões a que chegaram os maiores filósofos sobre Deus: "Todos eles têm a mesma linguagem". O mesmo ocorre com os teólogos antigos e modernos: eles depositaram suas vidas e inteligências aos pés daquele a quem deviam tudo — Deus. Veremos, a seguir, que não só filósofos e teólogos fazem parte desse coral de vozes ilustres que proclamam a existência de Deus: os cientistas também deixaram os seus testemunhos.

INTIMIDADE COM DEUS

Maria José de Jesus

Que é o mundo senão a efervescência
Da vida — que pulula — pelos ares,
Pela terra, nas vísceras dos mares,
Proclamando a Divina Onipotência?

Cada vida produz nova existência...
Os seres multiplicam-se aos milhares...
Se a morte brutalmente poda os lares,
A vida brota em nova eflorescência.

Mas esta vida tão pujante embora,
Não é mais que um prelúdio, uma aurora
Da vida que jamais há de findar.

Morre o corpo, mas a alma — essa não morre;
E ao separar-se dele, a seu Deus corre
— Como um rio que enfim entra no Mar!

CAPITULO 9
CIENTISTAS CONFESSAM A EXISTÊNCIA DE DEUS

DEUS, SEGUNDO OS CIENTISTAS

O Deus eterno, o Deus imenso, sapientíssimo e onipotente passou diante de mim. Eu não vi o seu rosto, mas o resplendor de sua luz encheu de assombro e admiração a minha alma. Tenho estudado aqui e ali as marcas de sua passagem entre as criaturas, e em todas as suas obras, inclusive nas mais pequeninas, nas mais imperceptíveis, que poder, que sabedoria, que imensa perfeição!" Estas palavras foram escritas pelo cientista sueco Carlos Lineu (1707-1778), grande naturalista, criador da sistemática dos animais e das plantas, considerado mundialmente o fundador da Botânica moderna.

O testemunho de cientistas do porte de Carlos Lineu depõe contra a opinião de milhões de pessoas que afirmam haver inimizade entre a ciência e a fé. Hoje, muitos estudantes, influenciados pelos seus professores, confessam-se ateus por julgarem que isto os colocará em pé de igualdade com os grandes cientistas — que, segundo pensam, eram ateus. Mas esses jovens estão enganados. Os grandes cientistas reconheceram a existência de Deus.

Em 1903, o doutor Dennert (filho de uma família protestante da Alemanha), publicou em Berlim um livro sobre a vida de 300 cientistas famosos. Vinte daqueles homens confessavam-se ateus, 38 não quiseram revelar suas opiniões religiosas, e 242 afirmaram crer na existência de Deus. Vários anos depois, outro escritor realizou na França uma pesquisa entre 432 cientistas, e descobriu, surpreso, que apenas 16 deles confessavam-se ateus. Os demais, de um modo ou de outro, apresentavam motivos para crer na existência do Criador. Vemos que só os espíritos rasos, superficiais, negam a existência de Deus.

São oportunas aqui as palavras de um moderno apologista da fé cristã:

O ateísmo encontra-se mais freqüentemente na meia-ciência, isto é, nesta turbamulta de inteligências medíocres que, por haverem galgado uma cátedra universitária, já se julgam com autoridade para falar em nome da Ciência, com o C maiúsculo. Em torno do seu nome, o ruído do escândalo poderá levantar uma notoriedade fugaz, pois mais barulho fazem dez homens que gritam que dez mil que silenciam. Mas são vozes passageiras; delas a história da ciência não conservará sequer a sobrevivência de um eco atenuado. Os príncipes do saber, os que enriqueceram a ciência com a profundidade do seu pensamento e a originalidade das suas descobertas, esses que sobrevivem a pontear, como astros de primeira grandeza, o Armamento da ciência, continuam a cantar a glória de Deus.[3]

"EU NUNCA FUI ATEU!" DISSE DARWIN

Quando o naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882) faleceu, seu filho Francis Darwin publicou o livro *A Vida e a Correspondência de Charles Darwin.* Em uma de suas cartas, datada de 2 de abril de 1873, Darwin escreveu:

Posso dizer-vos que a impossibilidade de considerar este magnífico universo, que contém o nosso 'eu' consciente, como obra do acaso, é para mim o principal argumento em favor da existência de Deus.[4]

Em outra carta, datada de 3 de julho de 1881, Darwin confessou ao seu amigo W. Graham:

Devo dizer-vos que em vosso livro Pretensões da Ciência expressastes a minha profunda convicção, e mesmo mais eloqüentemente do que eu saberia fazê-lo, isto é, que o universo não é e nem pode ser obra do acaso.[5]

Porém, a frase que se destaca neste livro sobre Darwin é esta sua declaração:

Por piores que fossem as crises que atravessei, nunca desci até ao ateísmo, nunca neguei a existência de Deus.[6]

O verdadeiro homem da ciência prefere repetir as palavras do salmista, que há muitos séculos disse: "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras de suas mãos" (Salmo 19:1). Leiamos o testemunho dos cientistas, desses homens cujas cabeças se embranqueceram no estudo da ciência. Quase todos eles confessaram ter visto as pegadas de Deus impressas nos caminhos por onde passaram. Ouçamos suas vozes, registradas no mesmo tom de adoração e reconhecimento da existência do Criador de todas as coisas.

FÍSICOS E MATEMÁTICOS

Abramos este tópico citando as palavras do grande físico e matemático inglês Sir Isaac Newton (1642-1727), descobridor da Lei da Gravitação, e um dos grandes estudiosos da mecânica celeste. Deslumbrado diante da harmonia reinante entre os planetas, Newton escreveu:

Esta elegantíssima coordenação do sol, das estrelas, dos planetas e dos cometas não pode ter outra origem que o plano e o império do Ser dotado de inteligência e de poder, que tudo domina, não como alma do mundo, mas como o Senhor de todas as coisas, eterno, infinito, onipotente, onisciente.[7]

Outro grande físico inglês, William Thompson, confessou que "provas brilhantes de uma ação inteligente multiplicam-se em torno de nós e, se por vezes, dúvidas metafísicas nos afastam temporariamente destas idéias, elas voltam com uma força irresistível. Elas nos ensinam que todas as coisas vivas dependem de um Criador e de um Senhor Eterno.'

O genial matemático francês Luís Cauchy (1789-1857), considerado o primeiro geômetra do século XLX, afirmou não temer os estudos que muitos dos seus contemporâneos faziam para tentar provar a inexistência de Deus ou lançar dúvidas sobre a autenticidade da Bíblia:

Cultivai com ardor as ciências abstratas e naturais; estudai a matéria; desvendai ante nossos olhares admirados as maravilhas da natureza; explorai, se puderdes, todas as partes deste universo; pesquisai depois nos anais das nações, nas histórias dos povos antigos; consultai em toda a superfície do globo os velhos monumentos dos séculos passados. Muito longe de me assustarem estas pesquisas, eu sempre mais as provocarei, animalas-ei com meus esforços e votos. Nunca temerei que a verdade se possa achar em contradição consigo mesma, ou que os fatos e documentos por vós acumulados possam jamais achar-se em desacordo com as Sagradas Escrituras.[9]

Em uma de suas viagens a Paris, o cientista norte-americano Thomas Alva

Edison (1847-1931), um dos maiores inventores de todos os tempos, visitou a Torre Eiffel. Após haver percorrido toda a torre, trouxeram-lhe um livro no qual os visitantes ilustres registravam suas impressões. Eis o que Edison escreveu:

Ao senhor Eiffel, arquiteto desta torre: Sou um homem que admira todos os engenheiros do Universo; mas que profunda admiração tenho pelo maior de todos eles, que é Deus![10]

O físico francês André-Maria Ampére (1775-1836), que passou para a história como o grande cientista da eletricidade dinâmica, escreveu em 1804 no seu *Diário* a seguinte meditação, dirigida à sua própria alma:

Passa a figura deste mundo; se te nutrires de suas vaidades, pássaras como ele. A verdade de Deus para sempre permanece. Deus meu! que são todas estas ciências, todos estes raciocínios, todas estas geniais descobertas, todos estes vastos pensamentos que o mundo admira e de que tão avidamente lhe sacia a curiosidade? Na verdade, não são mais que coisas vãs. Estuda, sem precipitação. Estuda as coisas deste mundo, pois é dever de tua condição, mas conservando os olhos fixos na luz eterna. Escuta os sábios, prestando porém sempre ouvidos aos doces acentos da voz do teu celestial Amigo. Escreve só com uma mão. Com a outra apega-te a Deus, como o menino se apega à vestimenta de seu pai... Assim permaneça, minha alma, de hoje em diante, sempre unida a Deus e a Jesus Cristo! Abençoai-me, meu Deus![11]

Professor da Universidade de Copenhague, Oersted (1777-1851) tornou-se mundialmente famoso ao descobrir a ação da eletricidade sobre o fluído magnético, vindo esta descoberta a resultar na invenção da telegrafia elétrica. Eis o testemunho desse grande cientista dinamarquês:

Todo estudo aprofundado da Natureza leva a Deus. Tudo o que existe é obra incessante de Deus, obra em que a infinita perfeição de sua sabedoria imutável imprimiu seu sigilo. É esta ação perpétua da divina sabedoria e sua eterna identidade consigo mesma que a observação científica batiza com o nome de leis da Natureza... A contemplação do mundo estrelado nos deve ensinar que nada somos diante de Deus, mas que somos alguma coisa por sua bondade.[12]

Também fazendo parte do grupo de cientistas voltados para os estudos sobre a eletricidade, o físico escocês James Maxwell (1831-1879) costumava concluir suas comunicações científicas à Sociedade Real de Londres fazendo verdadeiras orações a Deus. Eis as palavras que Maxwell leu diante de dezenas de cientistas que ouviam uma de suas comunicações científicas:

Deus Todo-poderoso, que criaste o homem à tua imagem e lhe deste uma alma que pudesse te procurar e reinar sobre as criaturas, ensina-nos a perscrutar as obras de tuas mãos de tal modo que saibamos submeter a terra para nossas necessidades e ao mesmo tempo fortalecer nosso espírito para teu serviço. Concede-nos que recebamos tua santa Palavra com fé naquele que mandaste para nos ensinar a ciência da salvação e a remissão de nossos pecados. Nós o pedimos em nome do mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor.[13]

Que belas palavras pronunciadas por alguém cuja vida foi empregada no estudo da Ciência! Quanto mais lemos o testemunho desses homens, mais e mais constatamos estar certíssima a afirmação de Francis Bacon: "Pouca ciência afasta o homem de Deus; muita ciência a Deus o conduz." Continuemos a ler os testemunhos deixados por pesquisadores da Física. Um deles foi pronunciado pelo alemão Ernesto Siemens (1816-1892), durante um congresso científico em 1886. Siemens foi o inventor da telegrafia submarina, de dínamos e do pirômetro elétrico:

Quanto mais profundamente penetramos neste domínio das forças da

Natureza, tão harmonioso e regulado por leis imutáveis, e ao mesmo tempo tão longe de ser por nós plenamente compreendido, tanto mais nos sentimos levados a nos refugiar na modéstia e humildade, tanto mais acanhado nos parece o círculo de nossos conhecimentos, tanto mais vivamente aspiramos a sempre mais haurir nesta fonte inesgotável do saber e do poder, tanto mais, finalmente, cresce nossa admiração e sobe nossa gratidão para com a infinita Sabedoria reguladora que dirige todo o Universo.[15]

Outro físico a falar é o francês Augusto De La Rive (1801-1873), que tornou-se célebre pelas suas experiências com a capacidade calorífica dos gases. Em 1860, ao concluir suas lições de física, De La Rive escreveu:

Se alguma coisa aprendi nos longos anos de estudo, que foram um dos maiores encantos de minha vida, é que Deus continuamente opera, é que sua mão que tudo criou vela sobre todo o universo. A Providência, que mantém em equilíbrio as forças da natureza, que dirige os astros em suas órbitas, olha também sobre cada um de nós. Nada nos acontece sem especial licença daquele que nos guarda; nesta convicção profunda descansa em paz a minha alma.[16]

A esse coro de vozes vem se juntar o testemunho do físico britânico A.S. Eddington (1882-1946): "A Física moderna leva-nos necessariamente para Deus."

E da Alemanha, o físico Max Plank (1858-1947), criador da teoria dos *quanta,* Prêmio Nobel de 1928, surge para enriquecer essa galeria de cientistas que afirmaram crer na existência de Deus:

Para onde quer que se dilate o nosso olhar, em parte alguma vemos contradição entre Ciências Naturais e Religião; antes, encontramos plena convergência nos pontos decisivos. Ciências Naturais e Religião não se excluem naturalmente, como hoje em dia muitos crêem e receiam, mas completam-se e apelam uma para outra. Para o crente, Deus está no começo; para o físico, Deus está no ponto de chegada de toda a sua reflexão.[18]

Pascual Jordan (1902-1980), outro físico alemão, um dos fundadores da Mecânica dos *quanta,* também une sua voz à de Max Plank: "O progresso moderno removeu os empecilhos que se opunham à harmonia entre ciências naturais e cosmovisão religiosa. Os atuais conhecimentos de ciências naturais já não fazem objeção à noção de um Deus Criador."

Werner Von Braun (1912-1977), alemão radicado nos Estados Unidos, um dos maiores físicos nucleares de todos os tempos, também deixou o seu testemunho:

Não se pode de maneira nenhuma justificar a opinião, de vez em quando formulada, de que já não precisamos crer em Deus. Somente uma renovada fé em Deus pode provocar a mudança que salvará o nosso mundo da catástrofe. Ciência e religião são, pois, irmãs e não pólos antitéticos.[20]

E finalmente, encerrando os testemunhos dos físicos, a palavra de Albert Einstein (1879-1955), físico judeu alemão, criador da Teoria da Relatividade e Prêmio Nobel de 1921:

Todo profundo pesquisador da natureza deve conceber uma espécie de sentimento religioso, pois ele não pode admitir que seja o primeiro a perceber os extraordinariamente belos conjuntos de seres que ele contempla. No Universo, incompreensível como é, manifesta-se uma Inteligência superior e ilimitada.[21]

BOTÂNICOS, QUIMICOS E GEÓLOGOS

Citaremos aqui as palavras de um botânico e as de três químicos. Membro da Academia Francesa, o botânico Jurien de La Graviére (1812-1892), pronunciando um discurso sobre o botânico Tulasne, assim se expressou:

Dir-se-ia, na verdade, que a Botânica tem tido sempre o privilégio de formar santos e sábios. É uma ciência de certo modo impregnada pelo perfume das flores. Curvada sobre a relva, ela nunca teve a pretensão de escalar o céu; ela se contenta em admirar humildemente o Criador em suas obras![22]

O grande químico inglês Humphry Davy (1778-1829), descobridor do potássio e do sódio, escreveu em seu diário:

O verdadeiro químico vê a Deus em todas as formas diversas do mundo exterior... E assim, à medida que contemplar a variedade e beleza do mundo exterior e lhe penetrar as maravilhas científicas, saberá sempre se elevar até a Sabedoria infinita, cuja bondade lhe permite provar as alegrias da ciência; tornar-se-á melhor ao mesmo tempo que mais sábio. A influência da fé sobrevive a todas as alegrias terrestres; fortifica-se, ao passo que nossos órgãos se enfraquecem e nosso corpo se dissolve; ela surge como a brilhante estrela da tarde no horizonte da nossa vida, e temos a certeza de que ser-nos-á ela um dia a estrela da manhã, cujo resplendor iluminará as sombras da morte.[23]

Após dezenas de anos estudando Química, o químico italiano Carnaldi reconheceu: "Tu existes, porque a operação química se efetua pela aproximação das moléculas, e esta força coerciva não depende delas, mas de um princípio extrínseco — depende de Deus!"[24]

Michel Eugene Chevreul (1786-1889), um dos maiores químicos franceses, confessou: "Eu estou convencido da existência de um Ser Divino, criador de uma dupla harmonia: a harmonia que rege o mundo inanimado, revelada pela ciência da mecânica celeste e pela ciência dos fenômenos moleculares, e a harmonia que rege o mundo inanimado. Nunca fui materialista em nenhuma época de minha vida, porque só um néscio pode acreditar que esta dupla harmonia, bem como o pensamento humano, tenham sido efeito do acaso.

Na Universidade do Cairo, no Egito, no alto de sua porta central estão escritas as seguintes palavras: "A Química é importante, porém Deus ainda o é mais."

ZOÓLOGOS, ANATOMISTAS E NATURALISTAS

A Zoologia reconhece a glória e a existência do Criador nas palavras do célebre Etienne Geoffrey Saint-Hilaire: "Chegando a este limite (diz Geoffrey em um de seus grandes estudos), o cientista desaparece, e fica só o homem religioso para compartilhar do entusiasmo do santo profeta, exclamando com ele: Os céus proclamam a glória de Deus!"

Foi estudando Anatomia que Cruvelhier exclamou: "Diante desta maravilhosa organização onde tudo foi previsto e coordenado com inteligência e sabedoria infinitas, qual é o anatomista que não se sente tentado a exclamar com Galeno: Um livro de Anatomia é o mais belo hino que é dado ao homem entoar em honra do Criador?"[27]

Agassiz, estudioso da História Natural, sabia que o mundo é "a manifestação de um pensamento poderoso e fecundo, é prova de uma bondade infinita e sábia, é a demonstração mais palpável de um Deus pessoal, primeiro Criador de todas as coisas, regulador de todo o universo e dispensador de todos os bens." Por sua vez, o grande naturalista Lamarck sabia que a Criação era distinta do Criador: "A natureza não é Deus. Ela é o produto sublime de sua vontade onipotente."

E fechando a galeria de zoólogos, anatomistas e naturalistas, H. Spemann (1869-1941), zoólogo alemão, Prêmio Nobel de 1935:

Quero confessar que, durante as minhas pesquisas, muitas vezes tenho a

impressão de estar num diálogo em que meu interlocutor me parece com Aquele que é muito mais sábio. Diante desta extraordinária realidade, o pesquisador é sempre tomado por uma profunda e reverente admiração.[29]

ASTRÔNOMOS E BIÓLOGOS

É este mesmo Deus que os maiores astrônomos, estudando os formidáveis mistérios da Criação, viram e vêem, na maravilhosa harmonia que invade o Espaço infinito. Todos os grandes estudiosos dos mistérios do céu ergueram suas vozes para entoar um hino de engrandecimento ao Criador.

Em 1923, o astrônomo Moreux, do Observatório Astronômico de Paris, declarou: "Estou-me correspondendo com os diretores dos observatórios astronômicos de todo o mundo, e posso dizer que todos eles crêem em Deus.'

Um dos mais belos testemunhos de um astrônomo sobre a existência de Deus foi deixado pelo francês Hervé Faye (1814-1902) na Introdução da sua obra-prima *A Origem do Mundo.* Eis as belas palavras do famoso astrônomo:

O que nos comove quando erguemos os olhos ao céu, o que nos arranca um momento do círculo de nossas preocupações materiais, o que em nós desperta o pensamento com a admiração, é a doce claridade do dia, é este sol radiante, com sua luz e seu calor animando a natureza inteira; são estas estrelas de que tão graciosamente é marchetada a abóbada celeste, e que à agitação do dia fazem suceder a calma e a serenidade da noite (...) Negar a Deus seria como deixar-se cair dessas alturas sobre a terra! Estes astros, estas maravilhas da natureza seriam obra do acaso! Nossa inteligência seria efeito da matéria, que por si só teria principado a pensar! Que imenso absurdo![31]

E eis o que afirmou o astrônomo alemão H. Madler (1794-1874), autor do primeiro mapa da Lua: "Um autêntico pesquisador da natureza não pode ser ateu, pois quem tão profundamente mergulha seu olhar na obra de Deus e tem oportunidade de contemplar a eterna sabedoria, é impelido a dobrar os joelhos diante da ação do Espírito Supremo.'

Herschel, o célebre astrônomo descobridor do planeta Urano, após muito contemplar a harmonia e as maravilhas do céu estrelado, reconheceu: "Quanto mais se estende o campo da Astronomia, tanto mais numerosas e inabaláveis se tornam as demonstrações da existência eterna de uma inteligência criadora e onipotente; os geólogos, os astrônomos, os naturalistas trouxeram todos a sua pedra para este grande templo da ciência — templo levantado ao próprio Deus."[3]

O ilustre professor de Física da Universidade de Louvain, Alemanha, doutor Van Beneden, fez em um de seus discursos uma importante observação: "O Sumo Artífice concebeu a obra da Criação; concebê-la e criá-la foi uma coisa só; cada parte dela é a execução do pensamento divino realizado no tempo e no espaço. Levantemos estátuas aos benfeitores e sábios da humanidade, mas não nos esqueçamos do quanto devemos Aquele que resumiu tantas maravilhas em um grãozinho de areia, e um mundo de prodígios numa gota d'água.'

Diretor do Instituto de Biologia Max Planck, M. Hartmann (1876-1962) escreveu: "Os resultados da mais desenvolvida ciência da natureza ou da Física não levantam a mínima objeção à fé num Poder que está por trás das forças naturais e que as rege. Tudo pode aparecer mesmo ao mais crítico pesquisador como numa grandiosa revelação da natureza, levando-o a crer numa todo-poderosa sabedoria que se acha por trás desse mundo sábio.'

E finalmente, Fr. Dessaner (1881-1963), grande biofísico alemão, fundador da Terapia das profundidades por meio dos raios Roentgen e da Biologia dos *quanta:* "O fato de que nos últimos setenta anos o curso das descobertas e

invenções nos interpela poderosamente, significa que Deus, o Criador, nos fala mais alto e mais claro do que mediante pesquisadores e inventores.'

A ORAÇÃO DO CIENTISTA

Concluímos este capítulo, onde físicos, matemáticos, químicos, biólogos, naturalistas e astrônomos trouxeram os seus testemunhos como pedras preciosas em reconhecimento da existência de Deus, citando o mais belo de todos esses testemunhos, escrito pelo alemão Johannes Kleper (1571-1630), um dos criadores da moderna Astronomia. Ele escreveu estas palavras na obra *Os Quatro Livros da Harmonia Celeste,* escrito no final de sua vida; elas são um verdadeiro hino de louvor e reconhecimento da existência e majestade de Deus:

Antes de deixar esta mesa, sobre a qual fiz todo o meu trabalho, só me resta levantar os olhos e as mãos aos céus, numa humilde prece ao autor de toda luz. A ti, que pela luz sublime que espalhaste por toda a Natureza, elevas a nossa alma até a luz divina da tua graça, para que sejamos um dia transportados à luz eterna da tua glória, dou graças pelo que experimentei no êxtase em que me precipitou a contemplação da obra das tuas mãos. Findo se acha o livro que contém o fruto do meu trabalho. Nele empreguei toda a soma de inteligência que me deste. Proclamei, perante a humanidade, toda a grandeza da tua obra, dei-lhe os testemunhos, tanto quanto meu espírito finito me permitiu apreender da sua grandeza infinita.

Grande é Deus, grande é sua força, infinita sua sabedoria. Louvai-o céus, louvai-o, Sol, Lua e Planetas, louvai-o harmonias celestes, e tu também, ó minh'alma, louva ao Senhor teu Criador, pois tudo vem dele, tudo existe por ele, tudo está nele; tanto as coisas sensíveis e as ininteligíveis, aquilo que ignoramos profundamente, quanto a parte insignificante das coisas que sabemos!

Temos visto até aqui que a existência de Deus, o seu relacionamento com o mundo e com o homem, tem a ver diretamente com o problema do significado da vida e do ser humano em geral. Esse grande assunto um dia sempre desperta dentro de todos nós, e nos leva a procurar respostas para ele. É sem dúvida o mais profundo e o mais importante de todos os temas com que nos defrontamos no decorrer da vida, e exigirá que diante dele tomemos uma posição.

Portanto, as provas da existência de Deus são por demais visíveis; nenhum homem pode alegar que não crê por não haver nenhuma razão para que ele creia. As razões são muitas.

Veremos, finalmente, como podemos chegar ao conhecimento de Deus.

NA MAO DE DEUS

Antero de Quental

Na mão de Deus, na sua mão direita
Descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortas, com que se enfeita
A ignorância, despojo vão,
Depus do Ideal e da Paixão
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lôbrega jornada,
Que a mãe leva no colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

CAPÍTULO 10
COMO PODEMOS CONHECER A DEUS?

BUSCANDO A FACE DO INVISÍVEL

Como é possível a nós, seres humanos, limitados pela matéria, conhecermos a Deus, que é ilimitado e Espírito puro? Poderemos sondá-lo, chegar ao mais profundo de sua onipotência? Ele é mais alto que os céus, e mais profundo que o maior de todos os abismos. Sua grandeza é humanamente insondável. Ele é superior ao mar e à terra. 'Porventura desvendarás os arcanos de Deus ou penetrarás até a perfeição do Todo-poderoso?" perguntou o patriarca Jó. "Como as alturas dos céus é a sua sabedoria: que poderás fazer? Mais profunda é ela do que o abismo: que poderás saber? A sua medida é mais longa do que a terra, e mais larga do que o mar" (Jó 11:7,9. ARA).

Nossa capacidade de conhecer as coisas reside nos órgãos sensoriais do nosso corpo: os cinco sentidos — olfato, paladar, tato, visão e audição — que nos foram dados por Deus e nos permitem entrar em contato com a natureza. Porém, eles foram ajustados para nos fornecer informações sobre o mundo visível, palpável — o mundo material —, mas são incapazes de nos colocar em contato direto com o invisível, o impalpável — o mundo espiritual.

Todavia, apesar de não nos ser possível ter uma visão imediata e direta de Deus, podemos chegar, através desses mesmos sentidos, ao reconhecimento de sua existência através do seu reflexo no espelho da natureza — as obras de suas mãos. Só desta forma nos é possível, humanamente falando, obtermos o conhecimento de Deus. Isto, de acordo com os nossos próprios esforços e capacidade natural. Não estamos levando em conta aqui o conhecimento e experiências que podemos obter no aspecto espiritual. Isto será estudado mais à frente.

CONHECIMENTO NATURAL E CONHECIMENTO REVELADO

Porém, devemos distinguir aqui os dois tipos de conhecimento que podemos obter de Deus: o natural e o revelado. O conhecimento natural de Deus é aquele que obtemos através daquilo que nos diferencia dos animais irracionais: nossa capacidade de pensar, ou seja, nossa razão. Portanto, todo homem tem à sua disposição as provas da existência de Deus, refletidas no espelho de tudo o que Deus criou no Universo. E por isso que o ateu será indesculpável diante destes testemunhos; é o que diz Paulo em Romanos 1:20.

Todavia, sabendo Deus que os poderes da razão humana só eram capazes de fornecer ao homem um conhecimento natural acerca de sua existência, e que esse conhecimento era insuficiente para desvendar à humanidade a necessidade de que todos se arrependessem e fossem salvos dos seus pecados, Deus se revelou a nós através de sua Palavra e de seu Filho Jesus Cristo. Este é o conhecimento revelado.

Como não nos era possível obter um conhecimento sobrenatural de Deus do mesmo modo como podemos obter o conhecimento natural, alguém teve que nos ajudar a chegar a esse conhecimento. Esse alguém é Cristo. Só aqueles que forem alcançados pela graça através da fé em Jesus Cristo é que poderão obter esse conhecimento sobrenatural (ou revelado) de Deus. Esta verdade constitui-se em um dos pilares do Evangelho de João: "Ninguém nunca viu a Deus, mas o Deus unigênito, que está ao lado do Pai, é quem o revelou" (João 1:18).

CRISTO, A PLENITUDE DA REVELAÇÃO DE DEUS

Deus revelou-se ao homem primeiramente no "espelho" do universo e no tribunal de sua consciência, depois em sua Palavra, inspirada aos patriarcas e profetas, e finalmente no seu Filho Jesus Cristo: "Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, *e de muitas maneiras,* aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo" (Hebreus 1:1, 2. ARA).

Assim, pois, à medida que passamos a tomar parte do infinito conhecimento que Cristo tem de Deus, já não contemplamos a Deus com os olhos puramente humanos, mas com os olhos humano-divinos de Cristo, e deste modo poderemos compreender em profundidade e glória aquilo que nos seria impossível conhecer através dos limitados poderes da nossa razão.

A fé torna possível à nossa mente a obtenção do conhecimento sobrenatural (que está acima do natural) dos imensos mistérios de Deus. "O conceito cristão de revelação é este: a verdade que os homens não podem enxergar por si, sem o auxílio divino, é apresentada em Cristo através da operação da divina graça" — escreve Allan Richardson. Pela fé em Jesus Cristo é que descobrimos a face de Deus.

O fato de Deus nos ter falado em linguagem de homem através de seu Verbo mudou completamente as perspectivas de toda a busca da Divindade. Hoje, os que aceitamos Jesus Cristo como Salvador, caminhamos em direção a Deus guiados pelo Filho, que nos revela o Pai através de sua doutrina, de sua vida e do seu Espírito.

EXISTE HARMONIA ENTRE A RAZÃO E A FÉ?

Porém, devemos atentar para o fato de haver pessoas que afirmam ser impossível obter-se sequer uma prova da existência de Deus através da razão. Crê-se na existência de Deus, na Bíblia como sua Palavra e em Jesus Cristo como Salvador do mundo tão-somente fazendo-se uso da fé: mas provas mesmo não existem, afirmam. Tais pessoas são conhecidas como fideís-tas. A sua fé é cega. Acreditam que, quando se trata de fé, a razão (ou seja: a capacidade da mente humana raciocinar) não deve tomar parte. Por isso elas fecham os olhos e esforçam-se para continuar crendo, apesar de imaginarem que qualquer avaliação dos porquês de sua crença abalaria os fundamentos de sua fé.

Tais pessoas estão perigosamente enganadas. "Eu creio, mas desejo compreender", dizia o teólogo Anselmo. E este deve ser o lema de todo crente que deseja estar em condições de cumprir o que nos aconselhou Pedro: "... antes, santificai a Cristo como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós" (1 Pedro 3:15). Em nossa trajetória em busca do conhecimento dos mistérios de Deus, não existe conflito entre a fé e a razão. Há crentes que desconhecem o quanto o uso da razão é importante em nossos esforços para penetrarmos os mistérios relacionados com a nossa salvação. É certo que é Deus quem revela esses mistérios. Porém, Ele nos fala tanto ao nosso coração como à nossa mente, para nos levar à certeza de que nossa fé está fundamentada em bases seguras. Ela não é cega, nem irracional.

Diante disto, afirmamos convictamente que a Bíblia sairá triunfante como um livro verdadeiro, como Palavra da verdade, em qualquer análise a que for submetida. Nossa fé na Bíblia é uma fé *possível de ser provada.* Assim como existem provas racionais da existência de Deus, existem também inúmeras provas de que a Bíblia é realmente a Palavra da Verdade, e está acima de todos os

livros existentes no mundo. Porém, os crentes que desconhecem esse fato preferem fechar os olhos e crer. Eles temem que, se os abrirem, ou seja: se sua fé for submetida ao teste da razão, eles se tornarão incrédulos.

O teólogo inglês Ricardo Hooker fez o seguinte comentário sobre esses crentes: "Há um bom número de gente que pensa não poder admirar, como é preciso, o poder e a autoridade da Palavra de Deus, caso nas coisas divinas se possa atribuir qualquer força à razão humana. Por esse motivo nunca usam de boa vontade a razão, temendo levar a Bíblia a descrédito." Avisamos aqui a essas pessoas que elas podem ficar tranqüilas: a Bíblia não corre esse perigo.

A IMPORTÂNCIA DA FÉ E DA RAZÃO PARA O CONHECIMENTO DE DEUS

Biblicamente, a fé "é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem" (Hebreus 11:1). Teologicamente, ela significa a aceitação de algo como verdade, que tem por fundamento o testemunho de Deus manifestado em um fato histórico. A fé gera a confiança. Ela não é produto de um sentimento cego. Não é algo que nada tenha a ver com provas, ou que a estas se oponha. A fé e a razão são os dois trilhos que nos conduzem à Verdade, a Deus. Cristo deixou bem claro que a nossa fé não pode ser cega: "E *conhecereis* a verdade, e a verdade vos libertará" (João 8:32). Portanto, nós alcançamos o conhecimento de Deus pelo caminho da fé e pelo caminho da razão ao mesmo tempo. Paulo fala em apresentarmos o nosso culto "racional" a Deus (Romanos 12:1). E o que devemos fazer.

Anselmo costumava dizer que o modo correto de agirmos no que tange ao relacionamento da nossa inteligência com a fé "é crermos nas coisas profundas da religião cristã antes de nos pormos a discuti-las com a nossa razão". O crente deve conscientizar-se de que a fé não se opõe à razão. Crer é o primeiro passo que se deve dar no caminho em busca do entendimento. Nós cremos para poder compreender. "A fé é o degrau da compreensão, e a compreensão é o prêmio da fé", disse um grande teólogo. "Se não crerdes, não entendereis", é o que está escrito em Isaías 7:9, na tradução Septuaginta da Bíblia (do hebraico para o grego). Portanto, a fé é o caminho para o entendimento, é a condição indispensável para penetrarmos na revelação de Deus. A ausência de fé torna impossível tanto agradarmos a Deus (Hebreus 11:6), como entendermos os seus mistérios.

Além do mais, a Palavra de Deus não pode penetrar em uma criatura irracional. Para que alguém *creia,* é necessário que seja capaz de pensar. "Pereça a idéia de que devemos acreditar não termos necessidade de buscar uma razão para aquilo que cremos, porque, de fato, já não poderíamos crer se não tivéssemos almas racionais", observou Agostinho, esse grande estudioso das Escrituras.

Quanto à fé, ela não é fruto da simplicidade supersticiosa; não é também uma simples impressão do sentimento religioso. Ela é o ato mais elevado da razão que, reconhecendo sua natureza finita e limitada no caminho da verdade, aceita aquilo que se encontra no terreno da revelação de Deus ao homem. A fé em Jesus Cristo é, portanto, o ponto mais alto a que pode chegar a razão humana. Só nela o imenso desejo de conhecimento que há dentro do ser humano encontra a suprema elevação e a plenitude de sua busca, o espírito humano encontra o almejado descanso, e o coração, a paz.

Em uma de suas cartas, um cristão da Igreja Primitiva declarou que os filósofos platônicos tinham pressentido a invisibilidade, imutabilidade e incorporabilidade da natureza divina, mas haviam desprezado o caminho que

conduz a ela, porque lhes pareceu uma loucura o Cristo crucificado; por isso, não puderam chegar a Deus, que "é o santuário íntimo do repouso, tendo, porém, descoberto de longe a imensa claridade que ele derrama".

DEUS: O QUE OU QUEM ELE É?

Quando estivermos falando acerca de Deus, ou quando ouvirmos alguém falando sobre ele, é bom sabermos que existem três diferentes maneiras de se imaginar qual é a posição de Deus com relação ao mundo.

DEÍSMO

Certas pessoas afirmam que Deus está no mundo e é o seu Criador, mas não exerce domínio completo sobre ele. São os chamados *deístas.* Eles estão divididos entre os que acham que Deus não pode intervir no mundo, pois quebraria as leis naturais (e produziria, assim, o milagre), e os que afirmam que ele não quer intervir no mundo: Deus criou tudo e em seguida abandonou a Criação à sua própria sorte, é o que dizem. Segundo essas pessoas, Deus, ou não se importa com o mundo e os seres humanos, ou suas mãos estariam amarradas pelas leis que ele próprio criou.

Porém, a vida sobre a face da Terra e no Universo não é um jogo de forças que se sucedem sem ponto de partida ou de chegada. Não é uma viagem na incerteza, sem finalidade. Não. A vida é produto da vontade divina, projetada desde a eternidade, determinada e dirigida por Deus, mas executada livremente. Não é o cego acaso que reina sobre o destino dos seres humanos, e sim a mão de Deus. O nosso Deus não é um ídolo surdo e insensível, que habita em regiões inacessíveis e entrega o universo ao acaso. Jesus Cristo, no capítulo seis do Evangelho de Mateus, descreve com expressão lírica o cuidado paternal dessa Providência divina que alimenta os pássaros e veste de esplendor os lírios do campo, que se preocupa com as coisas mais pequeninas, e muito mais com os homens, criados à sua imagem e semelhança.

Os deístas se esquecem da fidelidade do Senhor em socorrer aqueles que nele confiam, conforme fala o salmista (Salmos
69:13; 121:2). "Eis que eu sou o Senhor, o Deus de todos os viventes; acaso haveria coisa demasiadamente maravilhosa para mim?" (Jeremias 32:27).

PANTEÍSMO

Existe outra idéia errada acerca de Deus. É o panteísmo. Os panteístas dizem que tudo é Deus, todas as coisas são como pedaços dele: o sol, uma formiga, o homem, uma pedra, uma flor. "Deus é como uma imensa folha de papel, rasgada em inúmeros pedacinhos' , seria o conceito panteísta, em sua forma mais simples. Os panteístas se esquecem de que Deus criou o Universo, mas é superior a toda a Criação. "Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus; e em toda a terra esplenda a tua glória" (Salmo 57:11). O evangelista João, vislumbrando na Ilha de Patmos essa superioridade do Deus Criador, escreveu: "Tu és digno, Senhor Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir, e foram criadas" (Apocalipse 4:11).

TEÍSMO

A afirmação da existência de um Deus pessoal e superior ao mundo chama-se *teísmo.* Os teístas afirmam não só que Deus existe, mas também que nos é possível conhecê-lo e demonstrar sua existência. Deus está em todo o

universo como causa sustentadora dele, mas não é sujeito às suas forças, e sim superior. "Eis que os céus e os céus dos céus são do Senhor teu Deus, a terra e tudo o que nela há" (Deuteronômio 10:14).

Deus é Espírito, e todo aquele que o adora deve adorá-lo em espírito e em verdade (João 4:24). Tudo quanto existe, só por ele subsiste: 'Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos..." (Atos 17:28). Ele a tudo conduz, e exerce domínio sobre tudo, e não está sujeito a mudanças (Tiago 1:17). Deus é a verdadeira luz: vê tudo e conhece tudo. Sonda os arcanos mais profundos dos corações, nada lhe pode escapar. O passado e o futuro, tudo lhe é presente. Ele é a luz que "...ilumina a todo o homem" (João 1:9). "Deus é o Sol do mundo espiritual; se ele se esconder aos nossos olhos, tudo para nós será trevas. Se faz brilhar a sua luz em nosso espírito, a verdade se nos mostra em todo o seu esplendor, porque ele mesmo é a verdade por excelência.'

Graças à sua luz é que alcançamos todos os conhecimentos que podemos adquirir; nele é que os encontramos. Ele é o padrão eterno dos nossos pensamentos, dos nossos julgamentos e das nossas ações.

ONDE DEUS ESTÁ?

Vimos até aqui que a humanidade tem buscado a Deus ao longo da história. Os que o têm procurado sedentamente estão divididos em quatro grupos, de acordo com o que pensam acerca do lugar onde Deus está.

DEUS "NO PRINCÍPIO"

As mais antigas religiões da terra sempre consideraram Deus como o ser que deve ser procurado "para trás", ou seja, na origem de tudo, no Princípio, no ponto onde ele começou a manifestar o seu poder sobre o mundo. Nas origens da Criação e no mistério do aparecimento do homem sobre a face da terra é onde Deus se revela, dizem essas antigas religiões.

DEUS "LÁ EM CIMA"

Outras pessoas, como o filósofo grego Plotino, passaram a pensar em Deus como aquele que está "lá em cima", na mais alta de todas as regiões do Universo. Plotino dizia que o mundo desliza sempre para baixo, para o lado oposto onde Deus está, e o homem, só através da purificação avançará de volta para Deus e unir-se-á a ele.

DEUS "LÁ FORA"

Outro grupo de pensadores tem admitido que Deus está sempre além dos nossos limites, está "lá fora". Ele é o Além sem fronteiras, fora do alcance de nossa compreensão.

DEUS "DENTRO DE NÓS"

Devido ao avanço da ciência moderna, muitos pensadores passaram a afirmar que esse progresso científico tornou impossíveis e superadas as idéias de Deus 'lá em cima" ou "lá fora". Ele está é "dentro de nós", na profundeza do nosso ser, é o nosso próprio fundamento. Não podendo ir "além", ou "para baixo", ou "para cima", o homem certamente poderá ir "para dentro", ou seja: para a profundidade do seu ser, onde Deus está à sua espera.

Para o estudioso das coisas de Deus, estas opiniões históricas sobre sua posição com relação à humanidade são úteis. Porém, segundo observou o teólogo suíço Karl Barth, talvez o maior valor dessas idéias seja mostrar que tudo quanto

o homem pode dizer a respeito de Deus é confessar sua incapacidade de conhecê-lo através de seus próprios esforços. Deus é insondável. "Ele é o abismo secreto, mas também a pátria escolhida que está no início e no fim de todos os nossos caminhos."[7]

Jesus Cristo é o mediador não só da nossa salvação, mas também de todo o nosso conhecimento de Deus. O pecado prejudicou grandemente no homem sua antiga semelhança ao Criador. Portanto, para que essa semelhança possa ser restaurada, é necessário um novo nascimento (João 3:3-6). Só Jesus Cristo é capaz de recuperar para o homem sua antiga condição perante Deus, perdida no Éden.

O HOMEM DEVE UNIR-SE A DEUS

É necessário esclarecermos que até aqui, diante de tudo o que lemos, temos apenas nos aproximado racionalmente do insondável abismo de luz que é Deus; nós o temos contemplado tão-somente de fora, da superfície. O mistério jaz à nossa frente, como um desafio.

Todavia, temos certeza de que tudo o que nos foi revelado sobre ele tem servido para nos conscientizar de que a grande finalidade da vida humana é buscar a Deus, é temer o seu nome e guardar seus mandamentos (Eclesiastes 12:13). Essa busca deve transportar o homem para além do conhecimento estéril, e conduzi-lo à fé. O crente sincero deve "buscar a face de Deus", instruindo-se a respeito do Senhor e de suas perfeições (Salmo 105:4), sabendo, porém, que nenhum mortal terá de Deus um conhecimento direto, imediato e pessoal. Só a alma glorificada nos altos céus o verá face a face. Unamos a nossa voz à de um antigo cristão, e façamos nossa esta sua belíssima súplica:

Entra Senhor, em nossos corações, e com o resplendor do teu santo fogo ilumina qualquer escuridão que haja em nós. Como excelente guia que és, mostra-nos o teu caminho nesse escuro labirinto, corrige as imperfeições de nossos sentidos... Mergulha-nos naquela fonte perenal de contentamento que sempre deleita e nunca farta, e a quem bebe de suas vivas e frescas águas proporciona o sabor da verdadeira bem-aventurança.

Tira de nossos olhos, com os raios de tua luz, a névoa da nossa ignorância, a fim de que não apreciemos mais formosura mortal alguma, e saibamos que as coisas que pensamos ser não são, e aquelas que não vemos, verdadeiramente são. Recolhe e recebe nossas almas, que a ti se oferecem; abrasa-as naquela viva chama que consome toda material baixeza, de maneira que, em tudo separadas do corpo, com um perpétuo e doce enlace juntem-se e se atem com a formosura divina; e nós, de nós mesmos separados, no Amado possamos nos transformar, e, sendo levantados dessa baixa Terra, possamos ser admitidos no convívio dos anjos, e sobretudo em tua presença..."[8]

BIBLIOGRAFIA

CAPÍTULO 1

1. Anselmo de Cantuária. *Proslógio.* Tradução e notas de Ângelo Ricci. São Paulo. Abril Cultural, 2ª edição, 1979, p. 102.
2. Plutarco, no capítulo 31 de seu tratado moral *Contra a Cólera,* citado por Hans Pfeil no livro *O Humanismo Ateu na Atualidade.* Tradução de Otávio Schneider. Petrópolis, Vozes, 1962, p. 167.
3. C. P. Tiele. *Histoire Compareé des Anciennes Religions de VEgypte et des Peuples Semitiques.* Tradução do holandês por G. Collins. Paris, G. Fischbacher, éditeur, 1882, p. 7.
4. Citado por J. Pantaleão Santos, in *Deus: As Mais Belas Afirmações em Prosa e Verso.* Petrópolis, Vozes, 1963, p. 123.
5. Armand de Quatrefages. *UEspéce Humaine.* 8éme ed. Paris, F. Alcan, 1886, p. 355.
6. Raimundo Cintra e Rose Marie Muraro. *As Mais Belas Orações de Todos os Tempos.* Rio de Janeiro. Livraria José Olímpio Editora, 2S edição, 1970, p. 4.
7. Ibdem, Op. Cit., pp. 4, 5.

CAPÍTULO 2

1. Citado por Igino Giordani, in *Deus.* Tradução de Aldo Delia Nina. São Paulo. Rede Latina Editora, 1948, p. 129.
2. Citado por Alfredo Maria Mazzei, in *Existe Deus?* Rio de Janeiro. Editora A Noite, 1948, p. 218.
3. In *A Idéia de Deus,* de José Pereira de Sampaio. Porto. Livraria Chardron, 1902, p. 237.
4. In *Deus: As Mais Belas Orações em Prosa e Verso,* de J. Pantaleão dos Santos. Petrópolis, Vozes, 1963, p. 112.
5. Citado por Marcelino Menendez y Pelayo, in *História de Ias Idéias Estéticas en Espana.* Buenos Aires. Espasa-Calpe, 1943, Vol. II, pp. 87, 88.
6. Citado por Frederic Bettex, in *La Grandeza dei Dios Trino y Uno.* Versão livre de Teóiilo Dolmetsch. Buenos Aires, Tall. Graf. A. Minski, 1955, p. 102.
7. François de Fénelon. *Demonstração da Existência de Deus.* Porto, Tipografia de Manoel José Pereira, 1871, p. 136.

CAPÍTULO 3

1. Frederic Bettex. Op. Cit., p. 314.
2. Blaise Pascal. *Pensamentos.* Tradução de Sérgio Milliet, 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 91.
3. Aurélio Agostinho. *Confissões.* Tradução de Ambrósio de Pina. 2- edição, São Paulo, Abril Cultural, 1980, Livro X, capítulo 27, parágrafo 38.
4. Voltaire. *Tratado de Metafísica.* Tradução de Marilena de Souza Chauí, 29 edição, São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 64.
5. Agostinho, citado por J. Pantaleão dos Santos in *Deus: As Mais Belas Afirmações em Prosa e Verso.* Petrópolis, Vozes, 1963, p. 78.
6. Luís de Granada. *Introdução dei Símbolo de Ia Fé. 2-* edição. Argentina, Espasa-Calpe, 1947, p. 263.
7. Citado por Martin Ortuza Arriaga, in *Los Prenotandos dei Conocimiento Natural de Dios.* Madri. Edição da "Revista Estúdios", 1963, p. 117.
8. Citado por Jesus Garcia Lopes, in *Nuestra Sabedoria Racional de Dios.* Tall Graf, Montaria, 1950, p. 129.

9. Citado por Luiz Waldvogel, in *Vencedor em Todas as Batalhas, 2-* edição, São Paulo, CPB, s/d., pp. 13, 14.

10. Marco Túlio Cícero. *A Natureza dos Deuses,* segundo citação de Alfredo Maria Mazzei, Op. Cit. pp. 179, 180.

CAPÍTULO 4

1. René Chateaubriand. *O Gênio do Cristianismo.* Tradução de Camilo Castelo Branco. 3ª edição, Porto, Cruz Coutinho, 1874, Vol. 1, p. 102.

2. J. Pantaleão dos Santos. Op. Cit. p. 72.

3. François de Fénelon. Op. Cit. p. 83.

4. Aurélio Agostinho citado por August Gratry, in *De Ia Con-naissance de Dieu.* Huitiéme edition. Tome Premier, P.

Téqui, Libraire-Editeur, Paris, 1903, p. 238.

5. Raimundo Cintra e Rose Marie Muraro. Op. Cit. p. 139.

6. Marco Túlio Cícero, no livro *De Legibus,* II, 4, apud Fran-cesco Gaetani. Op. Cit. p. 143.

7. Segundo citação de Leonel Franca, in *O Problema de Deus. 2-* edição, Rio de Janeiro, Livraria Editora Agir, 1955, p. 58.

CAPÍTULO 5

1. Segundo citação de Jean Claude Barreau, in *Quem é Deus.* Tradução de Almir Ribeiro Guimarães, Petrópolis, Vozes, 1971, p. 59.

2. J. Pantaleão dos Santos. Op. Cit. p. 127.

3. O leitor poderá encontrar uma excelente análise do relacionamento de Deus com o povo de Israel e com o Homem como indivíduo no livro de Martin Buber: *Eu e Tu.* Traduzido do alemão por Newton Aquiles von Zuben, São Paulo, Cortez e Morais, 1977, 170 páginas.

4. Rudolff Otto. *Lo Santo, Io Racional y Io Irracional em Ia Idéia de Dios.* Traduzido do alemão por Fernando Vera. Madri, Revista de Occidente, 1925, p. 110.

5. Allan Richardson. *Apologética Cristã. 2-* edição, Tradução de Waldemar W. Wey, Rio de Janeiro, JUERP, 1978, p. 68.

CAPÍTULO 6

1. Jean Claude Barreau. Op. Cit. pp. 9-11.

2. Citado por José Agostinho de Macedo, no livro homônimo do de Fénelon, *Demonstração da Existência de Deus.* Lisboa, Imprensa Regia, 1816, p. 34.

3. Tito Lucrécio Caro. *Da Natureza.* Tradução e notas de Agostinho da Silva. São Paulo, Abril Cultural, 1980, Livro II, parágrafos 645-650, e 1090-1095.

4. Ludwig Büchner. *Force et Matiére.* Etudes populaires d'his-toire et de Philosophie naturelles... 5ê edição, Paris, C. Reinwlad, 1876, 385 pp.

5. Ernest Henrich Haeckel. *Les Enigmes deVUniverse.* Trad. do alemão por Camille Bos. Paris. Schleicher fréres, 1902, 460 pp.

6. As citações de número 6, 8 a 12 e 14 foram extraídas do

livro de Richard Wurbrand, *A Resposta à Bíblia de Moscou,* cuja leitura recomendamos em especial. Após lermos esse livro e fazermos algumas anotações em fichas, nós o perdemos e não pudemos localizar outro exemplar. Daí a razão de não citarmos as páginas onde se encontram as respectivas frases utilizadas aqui.

7. Fiódor Dostoievski. *Os Irmãos Karamazov.* Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. São Paulo, Abril Cultural, 1970, Livro V, capítulo V.

8 a 12: Apud Richard Wurbrand. *A Resposta à Bíblia de Moscou.*
13. Jacques Bivort de Ia Saudée. *Ensaio de Suma Católica Contra os Sem-Deus.* Tradução de P. Lacroix. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939, p. 468.
14. Ibdem. Richard Wurbrand. Op. Cit.
15. Bertrand Russel. *Porque Não Sou Cristão.* Tradução de Brenno Silveira. São Paulo. Livraria Exposição do Livro, 1960, p. 24.
16. Manuel Bandeira. *Estrela da Vida Inteira* (Poesias Reunidas). 8^S edição. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1980, pp. 148, 149.
17. Este e os demais poemas de Drummond foram citados tomando-se como base o livro *Poesia Completa e Prosa.* Rio de Janeiro, Editora Nova Aguillar S.A., 1977, 1315 páginas.

CAPÍTULO 7

1. Friedrich Nietzsche. *Assim Falou Zaratustra.* Tradução de José Mendes de Souza. 3- edição. São Paulo, Edições Publicações do Brasil Editora S.A., 1950, p. 236.
2. Idem. *A Gaia Ciência.* Tradução de Mário Pugliese e outros. São Paulo, Hemus, 1976, p. 227.
3. Giuseppe Riccioti. *Con Diosy Contra Dios.* (Este livro reúne estudos de vários autores). Versão e prólogo de Adolfo Munoz Alonso. Barcelona, Liv. Miracle, 1956, p. 186.
4. Idem. Op. Cit. p. 328.
5. Idem. Op. Cit. p. 437.
6. Idem. Op. Cit. p. 449.
7. Idem. Op. Cit. p. 536.
8. Blaise Pascal. *Pensamentos.* Tradução de Sérgio Milliet. 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1979, Artigo III, questão 194.
9. Quinto Septmio Tertuliano. *Apologia Contra los Gentios.* Tradução e notas de Fr. Pedro Manero. Argentina, Espasa-Calpe, 1947, p. 15.
10. Ronald de Carvalho. *Poemas e Sonetos.* 2^S edição, Livraria Editora Leite Ribeiro, 1923, pp, 197, 198.

CAPÍTULO 8

1. Leonel Franca, in *O Problema de Deus. 2-* edição, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1955, p. 176.
2. Aristóteles. *Metafísica.* Edição trilingüe (grego, latim e espanhol), por Valentim Garcia. Madri, Editorial Grados, 1970, Vol. I, p. 73.
3. Philoteus Boehner e Etienne Gilson: *História da Filosofia Cristã.* Tradução de Raimundo Vier. 3§ edição. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 39.
4. Idem. Op. Cit. p. 44.
5. Idem. Op. Cit. p. 59.
6. Idem. Op. Cit. p. 82.
7. Idem. Op. Cit. p. 167.
8. Aurélio Agostinho. *Confissões.* Livro I. Capítulo 2, parágrafo 2. Tradução de J. Oliveira Santos. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
9. August Gratry, Op. Cit. p. 217.
10. Marcelino Menendez y Pelayo. Op. Cit. Vol. 2, p. 86.
11. Anselmo de Cantuária. *Proslógio.* Tradução e notas de ' Ângelo Ricci. *2-* edição, São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 102.
12. August Gratry. Op. Cit. pp. 332, 333.

CAPÍTULO 9

1. Carlos Lineu, citado por Desidério Deschand no livro *Os Grandes Sábios e a Fé na Época Contemporânea.* Sociedade de São João Evangelista. Desclée e Cia. Tournai, Bélgica, s/d, p. 211.

2. Cf. a introdução ao livro de Desidério Deschand, p. 30.

3. Leonel Franca. Op. Cit. p. 28.

4. Cf. M. Francis Darwin. *La Vie et Ia Correspondence de Charles Darwin.* Trad. de H. Varigny. Reinwald, Paris, Vol. I, p. 365.

5. Idem. Op. Cit. p. 368.

6. Idem. Op. Cit. p. 354.

7. As citações dos números sete ao dezesseis foram feitas tomando-se como base o livro de Desidério Deschand, às páginas 59, 86, 34, 35, 80, 89, 99, 100, 101, 91, respectivamente.

17. Os cientistas citados dos números 17 ao 21 tiveram os seus testemunhos publicados na revista *Pergunte e Responderemos* (nº 316, setembro de 1988), como resposta à pergunta: Deus Existe? pp. 386-396. As demais citações constam ora do livro de Desidério Deschand, ora do artigo da referida revista.

CAPÍTULO 10

1. Allan Richardson. *Apologética Cristã.* 2§ edição. Tradução de Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro, JUERP, 1978, p. 89.

2. Idem, Op. Cit. citando a epístola CXX, 3, 4 de Agostinho.

3. Anselmo de Cantuária. Op. Cit. p. 87.

4. Allan Richardson, citando Agostinho. Op. Cit. p. 37.

5. Rangel Veloso, autor espírita, no livro *Pseudos-Sábios ou Falsos Profetas.* Edição do Autor. Rio de Janeiro, 1947, p. 34.

6. Hegel, Georg Willhem Friedrich. *Las Pruebas de Ia Existência de Dios.* Tradução do alemão por A. Garzon dei Camino. 1- edição, México, Editora Alameda, 1955, p. 117.

7. Quevedoy Villegas. *Tratados Filosóficos.* Tradução de Juan David Garcia. Caracas, Imp. Nacional, 1955, p. 238.

8. Palavras do grande teólogo espanhol Luís de Granada, citadas pelo erudito Marcelino Menendez y Pelayo, Op. Cit. Vol. 3, p. 326.